

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

VOLUME **XXI**

PSIQUE

Issue 1 | 1st January - 30th June 2025

Fascículo 1 | 1 de janeiro - 30 de junho 2025



UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

VOLUME **XXI**

PSIQUE

Issue 1 | 1st January - 30th June 2025

Fascículo 1 | 1 de janeiro - 30 de junho 2025



PSIQUE | Volume XXI | Issue 1 | 1st January - 30th June 2025

Semiannual Publication. Scientific Journal of the Psychology Research Centre - CIP - from the Universidade Autónoma de Lisboa - Luís de Camões.

PSIQUE is a scientific journal in Psychology published by the Psychology Research Centre of the Universidade Autónoma de Lisboa.

Since 2005, PSIQUE has been publishing original papers in the scientific field of Psychology, in its several fields of specialization, in open access and free of charge.

From 2018, it is a semi-annual journal publication from 1st January to 30th June and from 1st July to 31st December.

Aims and Scope

It is particularly aimed at psychology researchers, lecturers and students but also at general readers who are interested in this field of science.

Psique publishes advances in basic or applied psychological research of relevance for understanding and improving the human condition in the world. Contributions from all fields of psychology addressing new developments with innovative approaches are encouraged. Articles that (a) integrate perspectives from different areas within psychology; (b) study the roles of physical, social and cultural domains in human psychological processes; or (c) include psychological perspectives from different regions in the world are particularly welcomed.

The journal publishes papers in Portuguese, Spanish, French and English.

Directory: Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP).

Databases: Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa (Camões).

Indexed by: Academic Search (EBSCO Publishers)

Fuente Academic (EBSCO Publishers).

PSIQUE | Volume XXI | Fascículo 1 | 1 de janeiro - 30 de junho 2025

Publicação semestral. Revista Científica do Centro de Investigação em Psicologia - CIP - da Universidade Autónoma de Lisboa - Luís de Camões.

A Psique é uma revista científica em Psicologia, editada pelo Centro de Investigação em Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa.

Desde 2005 publica artigos originais e comunicações na área científica da Psicologia, nos seus vários domínios de especialização, de acesso livre e gratuito.

É um periódico semestral, a partir de 2018, com data de publicação de 1 de janeiro a 30 de junho e de 1 de julho a 31 de dezembro.

Âmbito e Objetivos

Dirige-se particularmente a investigadores, docentes e estudantes em Psicologia, mas também aos leitores em geral que se interessem pelo conhecimento desta ciência.

A Psique publica avanços na investigação científica básica ou aplicada, em Psicologia, com relevância para compreender e melhorar a condição humana no mundo. A Psique encoraja a submissão de contribuições de todos os campos da Psicologia, produzindo novos desenvolvimentos científicos, através de abordagens inovadoras. Particularmente bem-vindos são os artigos que: (a) integram perspetivas de diferentes áreas da Psicologia; (b) estudam o papel dos domínios físico, social e cultural nos processos psicológicos humanos; ou (c) integram perspetivas psicológicas de diferentes regiões do mundo.

A revista aceita artigos em Português, Espanhol, Francês e Inglês.

Diretórios: Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP).

Base de Dados: Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa (Camões).

Indexação: Academic Search (EBSCO Publishers)

Fuente Academic (EBSCO Publishers).

PUBLISHING INSTITUTION / INSTITUIÇÃO EDITORA

CIP – Centro de Investigação em Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa (CIP)

Rua de Santa Marta, n.º 47, 3.º, 1169-023 Lisboa

Phone Telefone: +351 213 177 667 | Fax: +351 213 533 702

LEGAL OWNER / PROPRIEDADE

CEU – Cooperativa de Ensino Universitário, C.R.L.

Rua de Santa Marta, n.º 47

1150-293 Lisboa – Portugal

Phone Telefone: +351 213 177 600/67

Fax: +351 213 533 702

N.I.F.: 501 641 238

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XIX.1>

e-ISSN: 2183-4806

Title Título: **Psique**

Site: <https://cip.autonoma.pt/revista-psique/>

Registration Status: **Under Publishing** Situação de Registo: **Em Publicação**

Format Suporte: **Online**

Periodicity: **Semiannual** Periodicidade: **Semestral**

Editor in Chief Director: **Odete Nunes**

Inscrição Inscription: **220129**

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – no âmbito do projeto do CIP com a referência UIDB/04345/2020.

This work was funded by national funds through FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – as part of the project CIP – Ref.^a: UIDB/04345/2020.

EDITOR IN CHIEF DIRECTOR

Odete Nunes Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

ASSOCIATE EDITORS COEDITORES

João Hipólito Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
José Magalhães Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Luísa Ribeiro Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Cristina Nunes Universidade do Algarve, Portugal
Rute Brites Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Sandra Figueiredo Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

EDITORIAL BOARD CONSELHO EDITORIAL

Alexandra Gomes Universidade do Algarve, Portugal
Ana Antunes Universidade da Madeira, Portugal
Ana Gomes Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Anne-Marie Vonthron Université Paris Ouest-Nanterre, França
Aristides Ferreira ISCTE, Lisboa, Portugal
Carla Moleiro ISCTE, Lisboa, Portugal
Célia Oliveira Universidade Lusófona Porto, Portugal
Daniel Roque Gomes Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal
David Rodrigues ISCTE, Lisboa, Portugal
Dulce Pires I. Criap – Psicologia e Formação Avançada, Portugal
Edlía Alves Simões University of Saint Joseph (Macao), Macau
Filomena Matos Universidade do Algarve, Portugal
Florence Sordes-Ader Universidade de Toulouse, França
Gina C. Lemos Instituto Politécnico de Setúbal / Escola Superior de Educação
Inês Ferreira Universidade Europeia, Portugal
Isabel Leite Universidade de Évora, Portugal
Isabel Mesquita Universidade de Évora, Portugal
Isabel Silva Universidade de Évora, Portugal
João Viseu Universidade de Évora, Portugal
Jorge Gomes ISEG – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal
José Eusébio Pacheco Universidade do Algarve, Portugal
Liliana Faria Universidade Europeia, Portugal
Luis Sérgio Vieira Universidade do Algarve, Portugal
Magda Sofia Roberto Universidade da Beira Interior, Portugal
Manuel Sommer Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Marjorie Poussin Universidade de Lyon II, França
Melanie Vauclair Instituto Universitário de Lisboa, Portugal
Miguel Ángel Garcia-Martin Universidad de Málaga, Espanha
Miguel Pereira Lopes ISCSP – Universidade de Lisboa, Portugal
Monique K. LeBourgeois University of Colorado Boulder, United States of America
Odete Nunes Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Patrícia Jardim de Palma ISCSP – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal
Pedro Armelino Almira Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Pedro Duarte Universidad Veracruzana, México
Ricardo B. Rodrigues Instituto Universitário de Lisboa, Portugal
Rosa Novo Universidade de Lisboa, Portugal
Rui Costa Lopes ICS – Universidade de Lisboa, Portugal
Saul Neves de Jesus Universidade do Algarve, Portugal
Sílvia Araújo Universidade do Minho, Portugal
Tito Laneiro Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Vera Engler Cury Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil

ASSISTANT EDITORS EDITORES ASSISTENTES

Afonso Herédia Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Andreia Bandeira Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Filipa Inácio Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Francisco Castro Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Ana Jarmela Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

TRANSLATION TRADUÇÃO

Carolina Peralta Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

DESIGN COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Undo

WEBSITE SITE

Undo

IT DEVELOPMENT DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO

Anselmo Silveira Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

TABLE OF CONTENTS ÍNDICE

Nota Editorial Sandra Figueiredo	7
A silver lining: age, friends and loneliness among portuguese university students Genta Kulari, Luísa Ribeiro	19
Fatores associados ao ciberabuso no namoro entre estudantes universitários Factors associated with cyber dating abuse among university students Maria Augusta Tavares Sanches, Genta Kulari	34
A psicodinâmica do vício em heroína: o caso trágico da supermodelo Gia Carangi The psychodynamics of heroin addiction: the tragic case of supermodel Gia Carangi La psicodinámica de la adicción a la heroína: el trágico caso de la supermodelo Gia Carangi Beatriz Silva	49
Uma procura de sentido para a crise: uma perspetiva humanista A search for meaning in the crisis: a humanist perspective Filipa Inácio, Odete Nunes, João Hipólito	56
Author Instructions	
Instruções aos Autores	60
Reviewers instructions	
Instruções aos Revisores	65

NOTA EDITORIAL

Este número apresenta uma linha consonante com a missão da Revista *Psique*, ou seja, oferece um contributo diferenciado na Psicologia, visando abranger as suas diversas várias áreas com o suporte da evidência científica. Também mantendo, bem ilustrada, a defesa de uma cultura científica de publicação apoiada na equidade, na inovação e na relação interinstitucional.

Os artigos que integram o presente número focam desafios atuais, por um lado através do exame de estudos transversais de investigação em população universitária, especificamente no que concerne à solidão e ao ciberabuso no namoro. Por outro lado, através de estudos de metodologia qualitativa no que respeita à psicodinâmica relacionada com adições e comportamentos de dependência química. Por fim, a psicoterapia centrada no cliente é evocada, enquanto abordagem humanista, na análise de técnicas da procura do sentido em períodos de desenvolvimento humano e de crise. Os quatro artigos, em conjunto, apesar da sua diversidade temática e de aplicação, apresentam um corpus de conhecimento facilitador de estratégias de apoio dirigidas e de identificação de fatores de proteção em contextos de vivência e de dificuldade sobretudo de jovens adultos.

Apresenta-se, então, a *Psique* como um reforço vital da investigação do Centro de Investigação em Psicologia (CIP) do Departamento de Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões, integrado como pólo do Centro Universitário de Investigação em Psicologia (CUIP). E, mantendo-se numa linha contínua de publicação de trabalhos que são revistos, examinados e aceites perante o julgamento executado por uma equipa especializada, em Psicologia. Assim, merece um forte louvor ser dirigido aos autores, aos revisores, e à Direção Editorial da revista indexada. Os artigos cumprem as regras da indexação da *Psique*, bem como se alinham com os princípios da Declaração de Helsínquia.

Espera-se, com este número e os demais, um diálogo propício entre a academia e os profissionais de várias áreas relacionadas com a Psicologia. A *Psique* congratula-se pelo seu percurso exímio e ascendente, bem como pelo apelo que responsabiliza investigadores e jovens autores nas ciências sociais (e nas ciências da vida e do comportamento).

Sandra Figueiredo
(Co-editor)

A SILVER LINING: AGE, FRIENDS AND LONELINESS AMONG PORTUGUESE UNIVERSITY STUDENTS

Genta Kulari¹, Luísa Ribeiro²

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XIX • ISSUE FASCÍCULO 1
1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2025 • PP. 8-18

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XXI.1.1>

Submitted on 27/11/2024 Submetido a 27/11/2024

Accepted on 17/03/2025 Aceite a 17/03/2025

Objective: Evidence suggests that loneliness among students is becoming a public health concern. Meanwhile, friends support is salient during times of intense social changes and transition to adulthood, protecting individuals against loneliness. Friends support as a source of social support and age differences among university students, are putted through a magnifying glass to analyse the effect it has on loneliness.

Method: The sample consisted of 121 university students (age range 18–60; 78,3% female) attending private university in Lisbon. The present study had a cross-sectional design administering the sociodemographic questionnaire, UCLA Loneliness Scale, and Multidimensional Scale of Perceived Social Support.

Results: The results of the study found that age and friends support explained 37.4% of variance of loneliness indicating that students who receive higher support from friends had lower levels of loneliness compared to others with lower friends' support. Furthermore, younger students predicted higher levels of loneliness compared to older students.

Conclusions: To best of our knowledge this is the first study in Portugal to encompass a variety of age group university students analysing the perception of loneliness, as the mainstream of literature focuses on elderly population.

Keywords: Loneliness, friends social support, university students, age differences

Introduction

The transition to university coincides with a critical developmental period for students, characterized by individuation and separation from family, development of new social connections, and increased autonomy and responsibility (Marchini et al., 2020). However, the stringent measures brought about by the COVID-19 pandemic heavily interfered with students' adaptation to university, particularly affecting those who first enrolled in those academic years

1 Assistant Professor and Researcher at the Department of Psychology at the Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal.
E-mail: gkulari@autonoma.pt ORCID: 0000-0003-4774-4632

2 Assistant Professor and Researcher at the Department of Psychology at the Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal.
E-mail: mribeiro@autonoma.pt ORCID: 0000-0003-4028-3642

(Heuman et al., 2023). Universities, and their students, are now facing the repercussions of distant learning. Thus, students seem to be experiencing what Turkle (2010) described as they are all “alone together” (p.1). Recent studies are warning universities about increase perception of loneliness among university students and their struggle to build connections with their peers and colleagues (Kaufmann & Vallade, 2020). Furthermore, Portuguese General Directory of Higher Education (GDHE, 2022) in annual statistics found that during 2020-2021 academic year, one in four students (24.4%) enrolled in a university in Portugal dropped out during the first semester. Considering that loneliness is becoming a near-epidemic concern in the Western countries (Cacioppo & Cacioppo, 2018), it is imperative uncovering factors that can protect students from loneliness.

Literature review

Loneliness and age among university students

Loneliness is the subjective feeling people experience when they feel less socially connected to others than they desire (Peplau & Perlman, 1982). Researchers typically associated the high prevalence of loneliness to the ongoing changes in adult life such as maintaining long-term relationships, parenthood, employment, economic security, living alone, and establishing significant social roles (Gomboc et al., 2022; Shovestul et al., 2020). It is a commonly held belief that loneliness is particularly prevalent among older people, but research does not support that proposition (Barreto et al., 2021). For example, a large body of literature has shown that loneliness is not just restricted to old age but varies considerably throughout the lifespan (Hawkley & Cacioppo, 2007; Luhmann & Hawkley, 2016).

Specifically, data on the trajectory of loneliness suggests that it tends to rise in young adulthood and decline through middle adulthood before gradually increasing in the very elderly years (Pinkquart & Sorensen, 2003; Qualter et al., 2015; Surkalim et al., 2022). Herein, studies have shown a U-shaped curve in which young adults and older people report more perceived loneliness than those in middle age (Lasgaard et al., 2016; Victor & Yang, 2012). However, previous literature has focused on selective age groups i.e., exclusively adolescents or elderly cohorts, rather than the entire lifespan, making it difficult to determine age differences across studies (Shovestul et al., 2020). A recent systematic literature review on loneliness highlighted the urge for more inclusive studies with young adults, compared with older adults (Surkalim et al., 2022). Literature regarding loneliness among university students, is still a novel field of research in Portugal. Moreover, to best of our knowledge this is the first study in Portugal to encompass a variety of ages university students addressing protecting factors of loneliness.

Perceived social support and loneliness among university students

Studies have raised warning on the impact of loneliness in health such as bodily pain, shortness of breath, troubles of sleep, and poor perception of health (Zhang & Dong, 2022). In particular, research with students has examined differences in social skills (e.g. empathy, social anxiety), resources (e.g. time, money, transportation, etc.), cohabitation as well as perceived social support

as main factors impacting heavily on the perception of loneliness (Zhang & Dong, 2022). Zimet et al., (1988) introduced for the first time three distinct sources of social support: family, friends, and significant others. Particularly, among university students, Jackson et al. (2000) found that low levels of social support from friends during the middle of the semester were predictive of later feelings of loneliness at the end of the same semester. As an important indicator of social relationship, social support is considered a significant factor that could effectively alleviate loneliness (Zhang & Dong, 2022).

The close and supportive relationship with friends have a positive role improving academic performance, dealing with life problems, improving general adaptiveness, developing physical and psychological wellbeing (Sadoughi & Hasempour, 2017). The reverse may cause anxiety in social relationships and sensitivity to rejection (Xu et al., 2020). Furthermore, support from friends has been found to reduce the impact on psychological problems among students (Zhang & Dong, 2022). Thus, perceived support from friends and peers is likely to be of particular benefit for students' interaction adjustment (Suwinyattichaiporn & Johnson, 2022). Students that establish supportive connections at university, including with peer and faculty members, are more likely to persist and succeed academically (Dennis et al., 2005). Differently, students who are lonelier in their academic years, are more likely to be isolated, less connected to peers, and have poorer overall adjustment to university life (Dennis et al., 2005; Suwinyattichaiporn & Johnson, 2022).

Additionally, it is very important to shed light on this specific source of perceived social support that contribute to loneliness. A recent systematic review of 177 articles in English and Chinese found that, research is scant examining the differential associations of varying sources of social support on the impact of loneliness, thereby warranting exploration (Zhang & Dong, 2022). Moreover, results from the limited literature are contradictory, challenging the possibility to compare studies among different populations and age groups. For example, Henninger IV et al. (2016) found that social support from friends and significant others was the largest predictor of loneliness. Another study with university students in India, found that there was no difference among the three sources of social support on loneliness (Suri & Garg, 2020). Yet another study among university students found that only the friends' support buffered the association between stress and loneliness, indicating that students with higher levels of support from friends, have lower level of loneliness and stress (Lee & Goldstein, 2016). Therefore, the present study addresses this gap by examining university students' perception of friends as a source of social support alongside with age differences impacting loneliness.

Age and loneliness among university students

Transition to young adulthood makes university students particularly vulnerable to feelings of loneliness (Gomboc et al., 2022). This may be related to developmental-specific risk factors, such as moving away from home and their local community, and re-establishing new social networks. Surprisingly, the epidemiology of loneliness in young people has received scant attention in Portugal. However, evidence indicate that first year students are more vulnerable to loneliness compared to other students (Wazni et al., 2021) Hence, if loneliness is limited to, or peak at the actual transition from moving away from home, a decline in loneliness over time should be expected among senior students. Moreover, Portugal is facing an increase in number of students with more of 23 years old, which correspond to 28.9% of all students (Santos et al., 2016).

These students usually correspond to individuals who dropped out university and return after a long-time gap, or individuals with no previous higher education experience. While attention is provided in the recent years to traditional age students, enrolling to university immediately after the secondary education, little is known about students of different age groups, and how does age impacts loneliness among these students.

Present study

Using a representative and diverse age group sample of university students, the purpose of the present study is to extend the current research on social support from friends by examining its associations with loneliness. As evidenced from various studies, friends as a source of social support has an important impact during the university path (Mallika Appuhamilage & Torri, 2019). Age differences regarding loneliness is also explored in this study. Considering the elevated number of students dropping out of university, interruptions or failure in academic accomplishments may be attributed in part to stress-related problems and/or struggles in social relationships that many university students experience, such as loneliness (Lee & Goldstain, 2016; Romero et al., 2023). Thus, in order to promote success in university and social adjustment in university life, it is both essential and urgent to examine whether friends as a source of social support might help alleviate students' feelings of loneliness and if so, whether the age differences might impact their university experience. Based on the research discussed above, the goal of our study is twofold. The present study proposed the following research questions:

What is the effect of social support from friends buffering the perception of loneliness among university students?

What is the student's age groups effect on loneliness among university students?

Method

Procedure and Participants

After receiving approval from Universidade Autónoma de Lisboa Ethical Commission of, a cross-sections design study was administered to undergraduate and master's students. Data was collected in person during the month of January 2023. Participants were recruited individually in their classes and the surveys were conducted in their classrooms. Informed consent was taken prior to participation and confidentiality of all participants was ensured. The inclusion criteria included university students with more than 18 years of age, who are enrolled in the private university and attending their full-time studies. The survey was composed of two phases. Initially the participants were introduced with two instruments, the loneliness scale (UCLA, Russell, 1996) and the Multidimensional Scale of Perceived Social Support (MSPSS; Zimet et al., 1988)-as well as some sociodemographic questions including: sex, age, civil status, and number of cohabitants in the house. Collected data was analysed using IBM SPSS. The sample consisted of 121 university students from the psychology department.

Instruments

Perceived Social Support: Sources of social support were measured by the Multidimensional Scale of Perceived Social Support (MSPSS; Zimet et al., 1988), which consists of 12 items assessing three particular sources of social support: family, friends and romantic partners (four items per source of support). Zimet et al. (1988) used undergraduate university students in their study, reporting coefficient alphas of .87, .85, and .91 for the support subscales of family, friends, and romantic partners, respectively. The respondents indicated to what extent they agreed with each statement using a 7-pointing scale (1=strongly disagree, 7= strongly agree). In this study we are going to use the perceived social support from friends' dimension. Sample items include, "I can count on my o friends when things go wrong" (support from friends). The Portuguese version of the instrument was validated with the same sample as the original one (Carvalho et al., 2011). The validated instrument reported Cronbach alpha of .94 for the scale and .93, for friends' source.

Loneliness: Loneliness was evaluated by the 20-item UCLA Loneliness Scale (UCLA; Russell, 1996). Participants rated how often they felt the way described in each of the statements (1 = never, 2 = rarely, 3 = sometimes, 4 = often). Sample statements are "I feel isolated from others" and "I lack companionship." Mean scores were calculated so that higher scores signify higher levels of loneliness. Russell (1996) reported a coefficient alpha of .94 for the scale's internal consistency and provided evidence of its construct validity via positive correlation with measures of health and well-being in a sample of university students, nurses, teachers, and elderly. The Cronbach's of the validated versions of the instrument in Portuguese was .90 (Pocinho et al., 2005).

Age of students: Age was collected by asking the participants to write their chronological age in the sociodemographic questionnaire that further included information in relation to sex, marital status, academic background, and number of people they cohabitated.

Statistical Analysis

Data were processed and analysed using the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) 29.0 for Windows. Descriptive statistics and reliability estimates were computed for all the study variables. Pearson correlation analysis was conducted to examine the association among study variables, and linear regression was used to measure the effect of social support from friends and age on loneliness.

Results

Respondents profile

The majority of the participants were women ($n = 94$; 78.3%) and 26 men (21.7%). Only one participant selected the option "I prefer not to say" (0.8%). All participants were students enrolled in the faculty of psychology where 71 (58.7%) attending their Master's degree and 50 (41.30%) attending their Bachelor's degree. The age range varied from 18 to 60 years old, with a mean of 32.20 ($SD = 12.11$). A total of 18 (14.9%) participants did not report their age. Table 1 presents the variation of age groups in this sample. Moreover, results showed that young adults (age equal or older than 35 years) represented over half of the sample ($n = 64$; 63.1%). In regard to the

marital status, the majority of participants were single ($n = 77, 65.3\%$). Almost 30% of our sample cohabitated with one person ($n = 30, 24.4\%$). Around one fourth of the participants cohabitated with two people ($n = 27, 22\%$), and another fourth cohabitated with equal or more than 3 people ($n = 57, 47.1\%$).

TABLE 1
Socio-demographic data

Items	N	%
Sex		
Female	93	75.6
Male	27	21.1
Prefer not to say	1	0.8
Age Group		
< 25 years old	42	34.7
26 - 35 years old	23	19
36 - 45 years old	22	18.18
> 46 years old	34	28.12
Marital Status		
Single	77	65.3
Married	22	17.9
Education		
Bachelor's degree	50	41.3
Master's Degree	71	58.7
Divorced	7	5.7
Non-marital partnership	12	9.7
Residential status		
Living alone	7	5.7
Living with 1 other person	30	24.4
Living with 2 other people	27	22.0
Living with 3 other people	26	21.1
Living with more other people	31	25.61

Correlations

Correlation analysis for the sample is reported in Table 2. Loneliness was negatively correlated with social support from friends ($r=.556; p<0.001$) and negatively correlated with age ($r=-.212; p<0.05$). Therefore, higher levels of support from friends indicated lower levels of loneliness among university students in our sample. Similarly, higher levels of loneliness were detected among younger participants in this study. However, no significant correlation was found between social support from friends and age of the students.

TABLE 2*Mean, standard deviation, correlations among study variables*

Variables	M	SD	1	2
Loneliness	1.96	.559	-	-
Social Support from friends	5.70	1.237	-.556**	-
Age	32.20	12.11	-.212*	-.055

Note: * $p < 0.05$, ** $p < 0.001$ **Regression results**

Linear regression was performed to analyse the impact of perceived social support from friends and age on loneliness among university students. Table 3 shows that to explain loneliness, perceived social support from friends and age are relevant as they indicate significant values. Therefore, when perceived social support from friends increases by one-point, parental stress decreases by -.579 points. The proposed model was significant $F(2,101) = 30.800$, $p < 0.001$. Perceived social support from friends and age of students explained 37.9% of the variance of loneliness (R^2 adjusted). The Durbin-Watson test statistics in our study is lower than two, showing error independence ($DW = 2.141$). Errors have an average of zero. Age and social support from friends (independent variables) are independent of each other as indicated by the value of $VIF = 1.003$ (≥ 5) and Tolerance = .997 (≥ 0.2).

TABLE 3*Summary of regression analysis for predicting the effect of perceived social support from friends and age of students on loneliness*

Predictors	95% IC for B			S.E.	b	p
	B	Inferior	Superior			
Social Support from Friends	-.275	-.349	-.201	.037	-.579	.000
Age	-.011	-.018	-.004	.004	-.244	.000

$R^2 = .379$; $F = 30.800$; $N = 121$

Discussion

The current study extends research on the role of friends' social support and age in association to loneliness among university students between 18 and 60 years old. First, the results indicate that students who receive less social support from friends perceive higher levels of loneliness. This pattern of findings supports our research question, which predicted that support from friends would impact of loneliness. Prior research corroborates these findings (Kulari, 2024; Lee & Goldstein, 2016). Loneliness reflects a subjective feeling or disconnectedness which is often characterized as a discrepancy between desired and actual social relationships (Perplau & Perlman, 1982).

Therefore, our study adds to literature suggesting that the function of social support from friends can buffer the effects of loneliness. This could have occurred for a number of reasons: for example, perhaps friendships were more emotionally intimate and longer lasting compared to other sources (Suwinyattichaiorn & Johnson, 2022). Although the current data do not allow for this particular of follow-up inquiry, it will be interesting for future research to explore these issues in greater detail. The current findings are consistent with the life course perspective which places individual's relationships and their meaning within a developmental context (Hawkley & Cacioppo, 2007; Luhmann & Hawkley, 2016). As an individual moves from adolescence and transition to adulthood, support from friends and peers may be particularly effective in enhancing their social abilities (Sadoughi & Hasempour, 2017). This knowledge is essential, as the university years are often characterized by considerable relationship transitions (Zhang & Dong, 2022).

An additional key finding of the current study is understanding age differences in perception of loneliness. Literature has shown a U-shaped line of loneliness among different age groups (Viktor & Young, 2012). Therefore, the results of the present study indicated that younger students have a higher level of loneliness compared to older individuals. However, literature is scarce when compared among a variety of age groups and in particular university students. This is a notable contribution to the literature, and is consistent with previous literature regarding age differences and the experiences of loneliness. For example, Lee and Goldstain (2016) have pointed out that younger adults experience more changes in life and adaptation, indicating a higher level of loneliness. Similarly, research indicated that younger adults strive for peer relationships as a source of protection toward loneliness (Barreto *et al.*, 2021). Thus, even though a friend's relationships are very important, perhaps an increased emphasis on relationships puts them at risk for an increased discrepancy between desired and achieved social relationship, therefore intensifying their vulnerability to loneliness. Although this was not analysed in the present study, would be imperative to explore these issues in future research.

Limitations

Despite the strength of the study, there are several limitations that should be noted. First, sample size consists of a little number of participants that doesn't permit to generalize the difference of age groups and the association among friends support and loneliness. Furthermore, the study sample included students of only one university, to extent to which results generalize to students of other type of universities and field of study is unclear. Second, this study was cross-sectional in design. Thus, no casual inferences can be made. In other words, would be very important to understand social support from friends not only as a predictor of loneliness but also as an outcome. Finally, the current data do not allow for the specification of other social support sources. Given the diversity of romantic relationship experience of university students, it will be important for future research to assess whether romantic relationship experience buffers loneliness.

Conclusion

Literature has consistently demonstrated varied associated effects of loneliness both in mental (cognitive decline, dementia, depression, anxiety, substance abuse, suicidal ideation and suicide) as well as physical health (cardiovascular diseases, diabetes, chronic pain, cancer, depressed immune system, sleep deprivation), showing pervasive and deleterious effects in many aspects of human health (Goldman et al., 2024; Pai, & Vella, 2022; McWhirter, 1990; Shovestul et al. 2020). These findings emphasize the need for targeting prevention and intervention initiatives aiming to alleviate loneliness among the population, including university students. As university years are the most important time of social and relational transition, it is unclear how different age group react to these new social relationships.

The current study expands on this research, and demonstrates that friends' social support during the years of academic studies buffers some of the negative effects of loneliness. Loneliness may be at its lifetime peak during university years, since young adults (typical higher education student) have usually high levels of loneliness (Lee & Goldstain, 2016; Viktor & Young, 2012). Their strong need for friends' support (Barreto et al., 2021) may be thwarted during university years, especially if the student has to relocate. The present results call attention to the need for friends relationship development and urges institutions to development of means of facilitating this type of support during these transitional years.

Conflict of interest

The authors have no conflicts of interest to declare.

Funding

This research was conducted within the research centre CIP (Centro de Investigação em Psicologia), which is funded by FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) through Project UIDB/04345/2020.

References

- Barreto, M., Victor, C., Hammond, C., Eccles, A., Richins, M. T., & Qualter, P. (2021). Loneliness around the world: Age, gender, and cultural differences in loneliness. *Personality and Individual Differences*, 169, 110066. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110066>
- Carvalho, S., Pinto-Gouveia, J., Pimentel, P., Mala, D., & Mota-Pereira, J. (2011). Características psicométricas da versão portuguesa da Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (Multidimensional Scale of Perceived Social Support—MSPSS) [Psychometric properties of Portuguese version for the Multidimensional Scale of Perceived Social Support (MSPSS)]. *Psychologica*, 54, 309–358.
- Romero, V., Núñez, J. C., Freire, C., & Ferradás, M. del M. (2023). Adaptive psychological functioning and burnout in teachers and how they affect teaching processes. *Psychology, Society & Education*, 15(1), 1-10. <https://doi.org/10.21071/psye.v15i1.15345>

- Dennis, J., Phinney, J., & Chuateco, L. (2005). The role of motivation, parental support, and peer support in the academic success of ethnic minority first-generation college students. *Journal of College Student Development, 46*(3), 223–236. <https://doi.org/10.1353/csd.2005.0023>
- Goldman, N., Khanna, D., El Asmar, M. L., Qualter, P., & El-Osta, A. (2024). Addressing loneliness and social isolation in 52 countries: A scoping review of National policies. *BMC Public Health, 24*:1207. <https://doi.org/10.1186/s12889-024-18370-8>
- Gomboc, V., Krohne, N., Lavrič, M., Podlogar, T., Poštuvan, V., Zadavec Šedivy, N., De Leo, D. (2022). Emotional and social loneliness as predictors of suicidal ideation in different age groups. *Community Mental Health Journal, 58*(2), 311–320. <https://doi.org/10.1007/s10597-021-00823-8>
- Hawkley, L. C. and Cacioppo, J. T. (2007). Aging and loneliness: Downhill quickly? *Current Directions in Psychological Science, 16*(4), 187–191. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2007.00501.x>
- Henninger IV, W.R., Eshbaugh, E.M., Osbeck, A., & Madigan, C. (2016). Perceived social support and roommate status as predictors of college student loneliness. *The Journal of College and University Student Housing, 42*(2), 46-59.
- Heumann, E., Helmer, S. M., Busse, H., Negash, S., Horn, J., Pischke, C. R., Niephaus, Y., & Stock, C. (2023). Anxiety and depressive symptoms of German university students 20 months after the COVID-19 outbreak - A cross-sectional study. *Journal of Affective Disorders, 320*, 568–575. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.09.158>
- Kaufmann, R., & Vallade, J.I. (2022). Exploring connections in the online learning environment: student perceptions of rapport, climate, and loneliness. *Interactive Learning Environments, 30*(10),1794-1808, <https://doi.org/10.1080/10494820.2020.1749670>
- Kulari, G. (2024). Getting by with a little help from friends and family: mediation model between loneliness and depressive symptoms amongst Portuguese students. *Journal of Applied Research in Higher Education*, <https://doi.org/10.1108/JARHE-11-2023-0547>
- Lasgaard, M., Friis, K., & Shevlin, M. (2016). Where are all the lonely people? A population-based study of high-risk groups across the life span. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 51*(10), 1373–1384. <https://doi.org/10.1007/s00127-016-1279-3>
- Lee, C. Y., & Goldstein, S. E. (2016). Loneliness, Stress, and Social Support in Young Adulthood: Does the Source of Support Matter? *Journal of Youth and Adolescence, 45*(3), 568–580. <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0395-9>
- Luhmann, M., Hawkley, L. C. (2016). Age differences in loneliness from late adolescence to oldest old age. *Developmental Psychology, 52*(6), 943–959. <https://doi.org/10.1037/dev0000117>
- Marchini, S., Zaurino, E., Bouziotis, J., Brondino, N., Delvenne, V., & Delhaye, M. (2021). Study of resilience and loneliness in youth (18-25 years old) during the COVID-19 pandemic lockdown measures. *Journal of Community Psychology, 49*(2), 468–480. <https://doi.org/10.1002/jcop.22473>
- Mallika Appuhamilage, K.S., & Torii, H. (2019). The impact of loyalty on the student satisfaction in higher education: A structural equation modelling analysis. *Higher Education Evaluation and Development, 13*(2), 82-96. <https://doi.org/10.1108/HEED-01-2019-0003>
- McWhirter, B. T. (1990). Loneliness: A review of current literature, with implications for counseling and research. *Journal Of Counseling & Development, 68*, 417-422.
- Pai, N., Vella, S (2022). The physical and mental health consequences of social isolation and loneliness in the context of COVID-19. *Current Opinion in Psychiatry 35*(5): 305-310, <https://doi.org/10.1097/YCO.0000000000000806>

- Pinquart, M., & Sörensen, S. (2003). Risk factors for loneliness in adulthood and old age--a meta-analysis. In S. P. Shohov (Ed.), *Advances in psychology research*, 19, 111–143. Nova Science Publishers.
- Pocinho, M., Farate, C., & Dias, C. (2010). Validação Psicométrica da Escala UCLA-Loneliness para Idosos Portugueses. *Interações: Sociedade E As Novas Modernidades*, 10(18), 66-77.
- Qualter, P., Vanhalst, J., Harris, R., Van Roekel, E., Lodder, G., Bangee, M., Maes, M. and Verhagen, M. (2015). Loneliness across the life span. *Perspectives on Psychological Science: A Journal of the Association for Psychological Science*, 10(2), 250–264. <https://doi.org/10.1177/1745691615568999>
- Russell, D. (1996). UCLA Loneliness Scale (Version 3): Reliability, validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 66(1), 20-40. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa6601_2
- Sadoughi, M., & Hasempour, F. (2017). The relationship between perceived social support and loneliness among university students. *Multilingual Academic Journal of Education and Social Sciences*, 5(1), 1-23. <http://dx.doi.org/10.6007/MAJESS/v5-i1/3014>
- Shovestul, B., Han, J., Germiné, L., DodellFeder, D. (2020). Risk factors for loneliness: The high relative importance of age versus other factors. *PLoS ONE*, 15(2), e0229087. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0229087>
- Suri, S., & Garg, S. (2020). Psychometric properties of the UCLA loneliness scale (version 3) in Indian context. *Quarterly Bi-Lingual Research Journal*, 7(25), 164-169.
- Surkalim, D. L., Luo, M., Eres, R., Gebel, K., van Buskirk, J., Bauman, A., & Ding, D. (2022). The prevalence of loneliness across 113 countries: systematic review and meta-analysis. *BMJ (Clinical research ed.)*, 376, e067068. <https://doi.org/10.1136/bmj-2021-067068>
- Suwinyattichaiorn, T., & Johnson, Z. D. (2022). The Impact of Family and Friends Social Support on Latino/a First-Generation College Students' Perceived Stress, Depression, and Social Isolation. *Journal of Hispanic Higher Education*, 21(3), 297–314. <https://doi.org/10.1177/1538192720964922>
- Turkle, S. (2010). *Alone together: Why we expect more from technology and less from each other*. Basic Books
- Victor, C. R., & Yang, K. (2012). The prevalence of loneliness among adults: a case study of the United Kingdom. *The Journal of Psychology*, 146(1-2), 85–104. <https://doi.org/10.1080/00223980.2011.613875>
- Xu, J., Ou, J., Luo, S., Wang, Z., Chang, E., Novak, C., & Wang, Y. (2020). Perceived social support protects lonely people against covid-19 anxiety: a three-wave longitudinal study in China. *Frontiers in Psychology*, 11, 566965.
- Zhang, X., & Dong, S. (2022). The relationships between social support and loneliness: A meta-analysis and review. *Acta Psychologica*, 227, 103616. <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2022.103616>
- Zimet, G.D., Dahlem, N.W., Zimet, S.G. & Farley, G.K. (1988). The Multidimensional Scale of Perceived Social Support. *Journal of Personality Assessment*, 52(1), 30-41, https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5201_2
- Wazni, L., Gifford, W., Cantin, C., & Davies, B. (2021). A community of practice for graduate students in health sciences. *Higher Education Evaluation and Development*, 15(2), 135-151. <https://doi.org/10.1108/HEED-10-2020-0037>

FATORES ASSOCIADOS AO CIBERABUSO NO NAMORO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

FACTORS ASSOCIATED WITH CYBER DATING ABUSE AMONG UNIVERSITY STUDENTS

Maria Augusta Tavares Sanches¹, Genta Kulari²

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XIX • ISSUE FASCÍCULO 1
1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2025 • PP. 19-33

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XXI.1.2>

Submitted on 23/12/2024 Submetido a 23/12/2024

Accepted on 04/04/2025 Aceite a 04/04/2025

Resumo

Contexto: O ciberabuso no namoro tem-se tornado um problema significativo entre estudantes universitários, despertando o interesse de investigadores. **Objetivos:** O objetivo deste estudo foi analisar o efeito mediador das quatro dimensões de ciberabuso no namoro (agressão direta da vítima/perpetrador e controlo da vítima/perpetrador) na relação entre o estilo de vinculação preocupado e os sintomas de depressão, entre estudantes universitários portugueses. **Método:** O presente estudo seguiu um desenho transversal, composto por 302 participantes com idade média de 23.2 anos. **Resultados:** Os resultados deste estudo mostraram que as mulheres apresentaram níveis mais elevados de sintomas de depressão por comparação aos homens. Em relação às dimensões de ciberabuso, os homens apresentaram níveis significativamente mais elevados de vitimização de ciberabuso por controlo. Os resultados demonstraram que as quatro dimensões de ciberabuso no namoro (agressão direta da vítima/perpetrador e controlo da vítima/perpetrador) desempenharam um papel mediador significativo na relação entre o estilo de vinculação preocupante e os sintomas de depressão. **Conclusões:** Considerando a literatura atual sobre ciberabuso no namoro, este estudo pode aumentar o nosso conhecimento deste complexo fenómeno num novo contexto, promovendo estratégias de proteção e apoio às suas vítimas.

Palavras-Chave: Ciberabuso no Namoro, vinculação preocupado, sintomas de depressão, estudantes universitários.

1 Mestrado em Psicologia Clínica e de Aconselhamento, Departamento de Psicologia, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal. E-mail: maria.12.sanches@gmail.com

2 Professora Auxiliar e Investigadora Integrada no Departamento de Psicologia, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal. E-mail: gkulari@autonoma.pt ORCID: 0000-0003-4774-4632

Abstract

Background: Increasingly, cyber dating abuse has become a predominant problem among university students and has yielded interest among researchers. **Objectives:** We aimed to analyse the mediating effect of cyber dating abuse dimensions (direct aggression victim/perpetrator, control victim/perpetrator) in the relationship between preoccupied attachment style and depressive symptoms among portuguese university students. **Method:** The present study followed a cross-sectional design composed of 302 Portuguese university students attending university with mean age of 23.2 years old. **Results:** The findings of this study showed that women presented higher levels of depressive symptoms. Regarding cyber abuse dimensions, men showed significantly higher levels of victim control when compared to women. Furthermore, results indicated that the four dimensions of cyber dating abuse (victim and perpetrator aggression and victim and perpetrator control) played a significant mediating role in the relationship between preoccupied attachment style and depressive symptoms. **Conclusions:** Considering the current literature on cyber dating abuse, this study can be useful to provide a better understanding of this opaque phenomenon while leading to reflection on intervention programs to assist victims.

KEYWORDS: Cyber Dating Abuse, preoccupied attachment, depressive symptoms, university students.

Introdução

O espaço digital tornou-se um contexto particularmente apelativo para o estabelecimento de novos relacionamentos amorosos (Caridade et al., 2019). No entanto, apesar das suas implicações positivas na facilitação do processo de socialização, os efeitos negativos emergem com frequência na utilização quotidiana (Marcum et al., 2018). Uma possível explicação para estes efeitos negativos é a ausência de inibições nos contextos online, resultante do anonimato e da falta de limites (Van Baak et al., 2023). Um dos problemas crescentes entre os jovens adultos é o ciberabuso no namoro (Vakhitova et al., 2022). O ciberabuso no namoro constitui uma forma de vitimização através do uso de tecnologia, caracterizando-se por comportamentos de controlo e assédio exercidos pelo parceiro romântico (Zweig et al., 2014). Estes comportamentos incluem controlo e vigilância diários por parte do parceiro ou ex-parceiro, publicação de comentários ofensivos ou humilhantes, envio de e-mails ou mensagens com ameaças, e partilha de fotografias sem consentimento (Phillips & Klest, 2024). A utilização de plataformas online por jovens adultos em Portugal tem sido pouco estudada, embora Amaral et al. (2023) tenham identificado que 90% dos jovens adultos utilizam essas plataformas diariamente, sendo que 1 em cada 3 já as utilizou para fins de namoro (Amaral et al., 2022). O fenómeno do ciberabuso no namoro pode apresentar uma prevalência bastante diversa. Uma revisão sistemática recente da literatura, que incluiu 16 estudos com um total de 14.235 participantes, revelou que 47% foram vítimas de ciberabuso no namoro e, destes, 63% foram vítimas de comportamentos de controlo (Martínez-Soto e Ibabe, 2024). Além disso, Caridade et al. (2019), numa revisão sistemática de 40 estudos, incluindo resultados de Portugal, encontraram que a prevalência do ciberabuso no namoro varia entre 8,1% e 93,7% no que respeita à perpetração, e entre 5,8% e 92% no que diz respeito à vitimização. Considerando o crescimento acelerado destas plataformas, torna-se imperativo sensibilizar para os

efeitos negativos do ciberabuso no namoro e compreender os fatores que podem atenuar estes impactos.

A literatura tem demonstrado que o ciberabuso no namoro pode ter consequências fisiológicas e psicológicas, incluindo impactos negativos na saúde mental, como sintomatologia depressiva (Hinduja & Patchin, 2021), sentimentos de raiva e hostilidade (Zweig et al., 2014), e até risco de suicídio (Lu et al., 2021). Por exemplo, Dardis et al. (2019) verificaram que o contacto excessivo por meio de ciberabuso no namoro foi o preditor mais robusto de depressão, em comparação com qualquer outra forma de violência no namoro. Sargent et al. (2016) corroboraram este resultado, indicando que as vítimas de ciberabuso no namoro, em particular, apresentavam níveis mais elevados de sintomas depressivos. Comportamentos como o envio de mensagens humilhantes e ameaçadoras por parte do parceiro, ou até a divulgação de fotografias da vítima com conteúdo humilhante para um público alargado (Van Baak et al., 2023), podem intensificar os sentimentos de impotência e desespero das vítimas. Estas, sentindo-se incapazes de evitar a agressão online, podem desenvolver sintomas depressivos (Toplu-Demirtaş et al., 2022). Recentemente, Portugal foi classificado como o segundo país da Europa com a maior taxa de depressão, estimando-se que 16,5% da população portuguesa sofra de sintomas depressivos, afetando particularmente os estudantes universitários entre os 18 e os 34 anos (Moreira de Sousa et al., 2018). No entanto, apesar do crescente interesse em estudar a prevalência do ciberabuso no namoro no contexto português, existe uma escassez de estudos que analisam se a presença de ciberabuso no namoro está relacionada com sintomas de depressão entre os estudantes universitários. Assim, o presente estudo tem como objetivo compreender se as vítimas ou os perpetradores de ciberabuso no namoro apresentam maior propensão para manifestar sintomas depressivos.

Diferentes culturas e contextos sociais apresentam concepções distintas sobre as formas aceitáveis de estabelecer relacionamentos (Hoenicka et al., 2022). Por exemplo, as culturas do Mediterrâneo Ocidental, incluindo Portugal, caracterizam-se, em grande medida, por serem sociedades tendencialmente coletivistas, onde a ligação com a figura parental desempenha um papel essencial na vida adulta (Hoenicka et al., 2022). Com base nas observações iniciais de Bowlby (1973) e Ainsworth (1978), é amplamente aceite que os indivíduos desenvolvem estilos de vinculação relativamente estáveis a partir das interações com os cuidadores na infância, os quais se prolongam nos relacionamentos românticos na vida adulta (Lancaster et al., 2020). Estudos com populações não clínicas em diferentes culturas revelaram que cerca de 60% das pessoas relatam possuir um estilo de vinculação seguro (Schmitt, 2008). Assim, indivíduos com vinculação segura tendem a apresentar baixos níveis de ansiedade, bem como melhor saúde mental e funcionamento social (Lancaster et al., 2020).

As culturas mediterrânicas, no entanto, revelam uma prevalência mais elevada de estilo de vinculação preocupado (Pace et al., 2016; Tereno et al., 2008), que é associado, com maior frequência, à manifestação de sintomas depressivos (Mikulincer & Shaver, 2007). Além disso, estes estilos de vinculação têm sido repetidamente associados à agressividade nas relações íntimas (Bookwala, 2002; Henderson et al., 2005). Em particular, o estilo de vinculação preocupado tem sido associado ao ciberabuso no namoro (Weisskirch & Delevi, 2011), bem como à prática de perseguição online (*cyberstalking*) (Strawhun et al., 2013). Tendo em conta a escassez de evidência empírica sobre o ciberabuso no namoro e, conseqüentemente, sobre a sua relação com o estilo de vinculação preocupada e a sintomas depressivos, a presente investigação propõe um modelo que analisa o efeito indireto do ciberabuso no namoro entre as variáveis acima mencionadas. Além

disso, este é o primeiro estudo a introduzir estas variáveis de forma simultânea, analisando o efeito do ciberabuso no namoro entre estudantes universitários portugueses.

O presente estudo

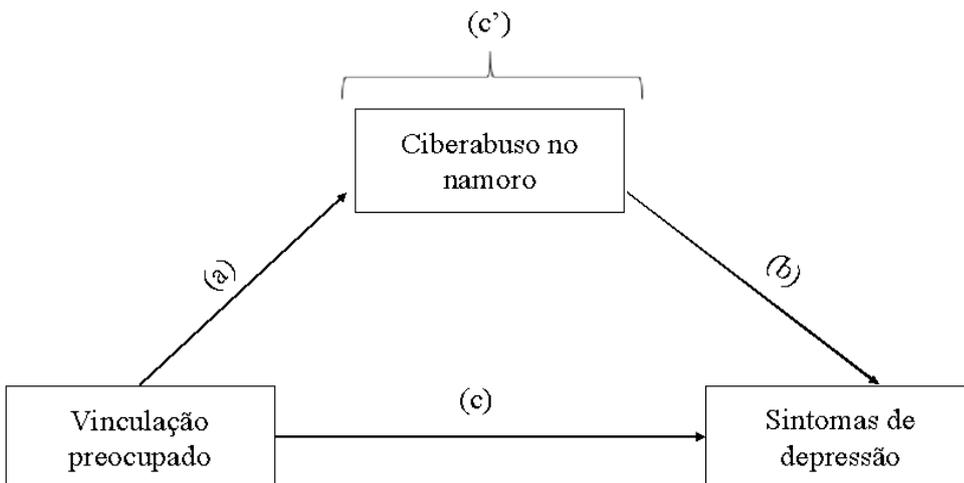
O objetivo do presente estudo foi investigar a relação simultânea entre as dimensões do ciberabuso no namoro, o estilo de vinculação preocupado, e os sintomas depressivos em estudantes universitários portugueses. Adicionalmente, o estudo propôs um modelo que analisa o efeito indireto do ciberabuso no namoro, tanto para vítimas como para perpetradores, na relação entre os estilos de vinculação preocupado e os sintomas depressivos, conforme ilustrado na Figura 1. Para tal, o estudo formulou as seguintes hipóteses:

H1: As dimensões de ciberabuso no namoro apresentam uma correlação positiva com sintomas de depressão e vinculação preocupado entre estudantes universitários portugueses.

H2: Existem diferenças estatisticamente significativa entre homens e mulheres na manifestação de ciberabuso no namoro, sintomas de depressão e vinculação preocupada entre estudantes universitários portugueses.

H3: As dimensões de ciberabuso no namoro (agressão direta vitima/perpetrador e controlo vitima/perpetrador) têm um efeito mediador na relação entre vinculação preocupado e sintomas de depressão entre estudantes universitários portugueses.

FIGURA 1
Modelo do estudo



Método

Participantes e procedimento

Estudos estimam que entre 12% e 90% dos adolescentes e jovens adultos são vítimas de Ciberabuso no Namoro (Caridade & Braga, 2020; Caridade et al., 2019). Dadas as elevadas taxas de prevalência e as graves repercussões no bem-estar, torna-se fundamental investigar os fatores que contribuem para esses comportamentos. O presente estudo adotou um delineamento transversal e contou com a participação de 302 jovens adultos estudantes universitários portugueses, recrutados online entre maio de 2022 e maio de 2023. Após a aprovação da comissão de ética da Universidade Autónoma de Lisboa, o questionário foi distribuído online por meio das redes sociais. Todos os questionários foram anônimos e continham um link direto para o termo de consentimento informado. Nenhum questionário foi recolhido sem o consentimento prévio dos participantes. Todos os direitos de privacidade foram rigorosamente respeitados.

Os critérios de inclusão contemplaram estudantes universitários com idades entre 18 e 35 anos que estivessem num relacionamento amoroso há, pelo menos, seis meses. Os participantes responderam a um questionário com duração aproximada de 15 minutos, composto por duas seções. A primeira incluía três instrumentos (Questionário de Ciberabuso no Namoro, Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse, e Questionário de Estilo de Relacionamento). A segunda seção reunia dados sociodemográficos, como idade, sexo nacionalidade, tempo diário de uso da internet. A amostra consiste em 244 mulheres (80,8%) e 58 homens (19,2%), com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 23,2$; $DP = 2.513$). Foi encontrada uma média de 5,9 horas por dia passadas *online* ($DP = 3,706$). Os dados sociodemográficos se encontram apresentados na Tabela 1.

TABELA 1

Descrição dos fatores sociodemográficos

Itens	M	DP
Idade	23.2	2.513
Tempo online (Horas)	15.89	3.706
Género	N	%
Mulher	244	80.8
Homem	58	19.2
Nacionalidade		
Portugal	238	78.8
Cabo Verde	28	9.3
Brasil	19	6.3
Angola	11	3.6
Outros	6	2
Uso de Internet		
Redes Sociais	213	70.5
Chat	29	9.6
Youtube	27	8.9
Pesquisas	23	7.6
Outro	10	3.3

Instrumentos

Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN; Caridade & Braga, 2020). O CibAN pretende avaliar o ciberabuso ocorrido no âmbito das relações de namoro, investigando-se a reciprocidade do mesmo (em termos de vitimização e perpetração). Trata-se de uma medida de autorrelato constituída por 40 itens sendo que 20 itens se destinam a avaliar o indicador de vitimização (“O/a meu/minha parceiro/a ou ex-parceiro/a já escreveu um comentário numa rede social para me insultar ou humilhar.”) e outros 20 possibilitam estimar o indicador de perpetração (“Eu já escrevi um comentário numa rede social para insultar ou humilhar o/a meu/minha parceiro/a ou ex-parceiro/a.”). O sistema de resposta aos 20 itens é realizado com recurso a uma escala de tipo Likert de 6 pontos (1 = “Nunca” e 6 = “Muitas vezes: mais de 20 vezes”). Os fatores que integram o instrumento revelaram possuir boa fiabilidade, nos fatores de vitimização, na agressão direta obteve-se um alfa de Cronbach de .86 e o controlo de perpetração apresentou uma consistência interna de .91. Relativamente à perpetração, obtiveram-se alfa de Cronbach de .89 e .84 no fator agressão direta da vítima.

O Questionário de Estilo de Relacionamento (RSQ; Griffin e Bartholomew, 1994) é composto por 30 afirmações curtas, avaliadas numa escala de Likert de 5 pontos, que varia de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Os itens 6, 9 e 28 têm pontuação invertida. Esses itens agrupam-se em estilos de vinculação seguro, amedrontado, preocupado e desinvestido, compostos por quatro itens, cujas pontuações são obtidas por meio da média das respostas de cada dimensão. A versão portuguesa do questionário foi traduzida e validada por Cardoso (2012). Para o presente estudo, será avaliado apenas o estilo de vinculação preocupado. A escala utilizada neste estudo apresentou um bom coeficiente de confiabilidade para dimensão de vinculação preocupada .801.

Os sintomas depressivos foram avaliados por meio da Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21; Lovibond e Lovibond, 1995). A escala é composta por 21 itens que medem os sintomas de depressão, ansiedade e estresse vivenciados na última semana. Os participantes avaliam os itens em uma escala de Likert de 4 pontos, que varia de 1 (não se aplicou a mim de forma alguma) a 4 (aplicou-se muito a mim, ou na maior parte do tempo). A escala apresenta bons coeficientes de confiabilidade para cada uma das dimensões: .94 (escala de depressão), .87 (escala de ansiedade) e .81 (escala de estresse). Cada dimensão é composta por 7 itens. No presente estudo, será utilizada apenas a dimensão dos sintomas depressivos, que apresentou um alfa de Cronbach de .927. O instrumento foi traduzido e validado para o português por Pais-Ribeiro et al. (2004).

Análise Estatística

A análise estatística foi realizada com recurso ao Programa *Statistical Package for Social Sciences for Windows (IBM-SPSS versão 29)*. Foi realizada uma análise de correlação para examinar a associação entre sintomas depressivos, estilo de vinculação preocupada e comportamentos de ciberabuso no namoro. De modo a se proceder à diferença estatisticamente significativa entre o género e as variáveis do estudo, aplicou-se o teste Mann-Whitney uma vez que o teste de normalidade Kolmogoriv-Smirnov demonstrou que os dados não seguem uma distribuição normal ($p < .05$). E por fim para a mediação das dimensões do ciberabuso no namoro na relação entre os estilos de vinculação e sintomas de depressão foi utilizado o PROCESS (modelo 4) (Hayes, 2022).

Resultados

A análise de correlação da amostra está apresentada na Tabela 2. Os sintomas depressivos mostraram correlações positivas com as dimensões do ciberabuso no namoro em respetivamente: vitimização por agressão direta ($r = .314$, $p < 0,01$), vitimização por controle ($r = .299$, $p < 0,01$), perpetração por agressão direta ($r = .220$, $p < 0,01$) e perpetração por controle ($r = .227$, $p < 0,01$). Esses resultados indicam que os comportamentos de ciberabuso no namoro estão significativamente correlacionados com os sintomas depressivos. Além disso, a depressão apresentou correlação positiva com o estilo de vinculação preocupado ($r = .332$, $p < 0,01$). Os resultados também revelaram que todas as dimensões do ciberabuso no namoro apresentaram correlação significativa com o estilo de vinculação preocupado.

TABELA 2

Correlação entre o estilo de vinculação preocupada, as dimensões do ciberabuso e sintomas de depressão

Variáveis	1	2	3	4	5
Sintomas de Depressão	-	-	-	-	-
Agressão Direta da Vítima	.314**	-	-	-	-
Agressão Direta do Perpetrador	.220**	.593**	-	-	-
Controlo da Vítima	.299**	.674**	.564**	-	-
Controlo do Perpetrador	.227**	.332**	.511**	.596**	-
Vinculação Preocupado	.332**	.163**	.142*	.225**	.386**

* $p < .05$, ** $p < .01$

A Tabela 3 apresenta as diferenças estatisticamente significativas entre o género e as variáveis do estudo. Os resultados revelaram que as mulheres apresentaram níveis estatisticamente significados mais elevados de perceção de sintomas de depressão ($M=157.42$, $p=.015$, $U=5631$). Na escala do ciberabuso no namoro, homens apresentaram níveis estatisticamente mais elevados de vitimização por controlo ($M=146.59$, $p = .039$, $U=5878.5$). Não foi encontrada uma diferença significativa entre homens e mulheres no estilo de vinculação preocupado.

TABELA 3

Diferenças entre homens e mulheres na percepção de sintomas de depressão, dimensões de ciberabuso no namoro e estilo de vinculação preocupado

Variáveis	M	M	U	P
	Mulher	Homens		
Sintomas de Depressão	157.42	126.59	5631	.015
Ciberabuso no Namoro	Mulher	Homens		
Agressão Direta - Vítima	150.40	156.13	6807.5	.581
Agressão Direta - Perpetrador	149.90	158.22	6686	.446
Controlo - Vítima	146.59	172.15	5878.5	.039
Controlo - Perpetrador	153.51	143.03	6585	.397
Estilo de vinculação	Mulher	Homens		
Vinculação Preocupado	155.24	135.78	6164	.125

Análise da Mediação

Os resultados apresentados na tabela 4 indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com a agressão direta da vítima ($\beta = .3213, p < .001$). A vinculação preocupante explica 3% da variância de agressão direta da vítima ($F_{(1,300)} = 8.1421, p < .001, R^2 = .026$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo da agressão direta da vítima na depressão ($\beta = .3040, p < .001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6496, p < .001$). Assim, a agressão direta da vítima e a vinculação preocupada explicam 18% da variância da depressão ($F_{(2,299)} = 32.8459, p < .001, R^2 = .180$). O efeito indireto direto da vinculação preocupado na depressão através da agressão da vítima foi significativo [$b = .0962, (.0210, .1849)$].

TABELA 4

Mediação da agressão direta da vítima na relação entre vinculação preocupado e sintomas de depressão.

Variáveis	Coefficiente não-estandardizado				95% Bootstrapping CI	
	β	SE	t	p	LL	UL
Vinculação P → Agressão Direta - Vítima (a)	.3213	.1126	2.8534	.005	.0997	.5428
Agressão Vítima → Depressão (b)	.3040	.0603	5.0372	<.0001	.1852	.4227
Vinculação Preocupado → Depressão (c)	.6496	.1193	5.4465	<.0001	.4149	.8843
Efeito Indireto		Efeito	SE		LLCI	ULCI
Vinculação → Agressão Vítima → Depressão (c')		.0962	.0420		.0210	.1849

Os resultados na tabela 5 indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com a agressão direta do perpetrador ($\beta = .1587$, $p < .001$). A vinculação preocupada explica 2% da variância da agressão direta do perpetrador ($F_{(1,300)} = 6.1822$, $p < .001$, $R^2 = .020$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo da agressão direta do perpetrador na depressão ($\beta = .3552$, $p < .001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6909$, $p < .001$). Assim, a agressão direta do perpetrador e a vinculação preocupada explicam 14% da variância da depressão ($F_{(2,299)} = 24.5530$, $p < .001$, $R^2 = .141$). O efeito indireto da vinculação preocupada na depressão através da agressão do perpetrador foi significativo [$b = .0134$, (.0265, .0467)].

TABELA 5

Mediação da agressão direta do perpetrador na relação entre vinculação preocupada e sintomas de depressão.

Variáveis	Coeficiente não-estandardizado			p	95% Bootstrapping CI	
	β	SE	t		LL	UL
Vinculação P → Agressão Direta - Perpetrador (a)	.1587	.0638	2.4864	.013	.0331	.2842
Agressão Perpetrador → Depressão (b)	.3552	.1090	3.2590	.001	.1407	.5696
Vinculação Preocupado → Depressão (c)	.6909	.1217	5.6776	<.0001	.4514	.9304
Efeito Indireto		Efeito	SE		LLCI	ULCI
Vinculação → Agressão Perpetrador → Depressão (c')		.0134	.0175		.0265	.0467

Os resultados na tabela 6 indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com o controlo da vítima ($\beta = .7642$, $p < .001$). A vinculação preocupante explica 5% da variância do controlo da vítima ($F_{(1,300)} = 15.9294$, $p < .001$, $R^2 = .050$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo do controlo da vítima na depressão ($\beta = .1562$, $p < .001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6279$, $p < .001$). Assim, o controlo da vítima e a vinculação preocupada explicam 16% da variância da depressão ($F_{(2,299)} = 29.2619$, $p < .001$, $R^2 = .164$). O efeito indireto da vinculação preocupada na depressão através do controlo da vítima foi significativo [$b = .0963$, (.0256, .1957)].

TABELA 6

Mediação do controlo da vítima na relação entre vinculação preocupada e sintomas de depressão.

Variáveis	Coeficiente não-estandardizado			p	95% Bootstrapping CI	
	β	SE	t		LL	UL
Vinculação P → Controlo Vítima (a)	.7642	.1915	3.9912	<.0001	.3874	1.1410
Controlo Vítima → Depressão (b)	.1562	.0358	4.3586	<.0001	.0857	.2267
Vinculação Preocupado → Depressão (c)	.6279	.1220	5.1477	<.0001	.3878	.8679
Efeito Indireto		Efeito	SE		LLCI	ULCI
Vinculação → Controlo Vítima → Depressão (c')		.0963	.0443		.0256	.1957

Os resultados na tabela 7 indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com o controlo do perpetrador ($\beta = .4563, p < .001$). A vinculação preocupante explica 4% da variância do controlo do perpetrador ($F_{(1,300)} = 13.3019, p < .001, R^2 = .043$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo do controlo do perpetrador na depressão ($\beta = .1682, p < .001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6705, p < .001$). Assim, o controlo do perpetrador e a vinculação preocupada explicam 14% da variância da depressão ($F_{(2,299)} = 23.7047, p < .001, R^2 = .137$). O efeito indireto da vinculação preocupada na depressão através do controlo da vítima foi significativo [$b = .0560, (.0126, .1119)$].

TABELA 7

Mediação do controlo do perpetrador na relação entre vinculação preocupada e sintomas de depressão.

Variáveis	Coeficiente não-estandardizado		t	p	95% Bootstrapping CI	
	β	SE			LL	UL
Vinculação P® Controlo Perpetrador (a)	.4563	.1251	3.6472	.0003	.2101	.7025
Controlo Perpetrador ® Depressão (b)	.1682	.0557	3.0186	.0028	.0585	.2779
Vinculação Preocupado ® Depressão (c)	.6705	.1234	5.4337	<.0001	.4277	.9133
Efeito Indireto		Efeito	SE		LLCI	ULCI
Vinculação ® Controlo Perpetrador ® Depressão (c')		.0560	.0257		.0126	.1119

Discussão

O modelo deste estudo teve como objetivo investigar a relação entre as dimensões do ciberabuso no namoro tanto ao nível da vitimização como da perpetração, o estilo de vinculação preocupada, e os sintomas depressivos entre estudantes universitários portugueses. Além disso o estudo examinou o papel das dimensões do ciberabuso no namoro – vitimização e perpetração – como mediadoras da relação entre as variáveis mencionadas.

O presente estudo revelou que os sintomas depressivos apresentaram uma correlação significativa com comportamentos de ciberabuso no namoro, tanto na condição de vítima como de perpetrador, corroborando os resultados de Toplu-Demirtaş et al. (2022) e Lancaster et al. (2020). Em particular, a vitimização por ciberabuso no namoro está associada a uma probabilidade três a cinco vezes superior de manifestar sintomas depressivos (Lancaster et al., 2020). Villora et al., (2021) demonstraram que as características únicas do ciberabuso no namoro têm um potencial mais elevado de causar sintomas depressivos do que as formas tradicionais de vitimização, sobretudo quando se considera a facilidade e rapidez das tecnologias, o acesso a uma audiência alargada e a impossibilidade de o agressor observar a reação imediata da vítima. No entanto, a perceção do dano e a experiência subjetiva do ciberabuso no namoro podem ser condicionadas pela natureza indireta deste tipo de abuso e pelo papel atenuado dos comportamentos românticos promovidos pelos media e pelas normas sociais (Van Ouytsel et al., 2020). Adicionalmente, os jovens adultos tendem a encarar estes comportamentos como desagradáveis, mas não abusivos

(Van Ouytsel et al., 2020). Tal torna-se preocupante, sobretudo quando os jovens não têm consciência de estar a entrar numa relação ameaçadora e controladora.

O estudo revelou que o sexo feminino apresentou níveis estatisticamente mais elevados de sintomas de depressão em comparação ao sexo masculino, resultados estes que corroboram investigações anteriores (Moccia et al., 2020; Park et al., 2020). Relativamente às dimensões do ciberabuso, os homens apresentaram maior sentimentos de controlo como vítimas de ciberabuso no namoro. Na literatura, não existe ainda consenso em relação a esta variável: alguns estudos verificam resultados semelhantes entre o sexo feminino e o masculino (Borrajo et al., 2015; Peskin et al., 2017; Villora et al., 2019), outros identificam uma maior vitimização por parte do sexo feminino (Peterson & Densley, 2017; Zweig et al., 2013). Independentemente disso, tanto homens como mulheres poderão já ter experienciado comportamentos ciberabusivos como vítimas ou como perpetradores nos seus relacionamentos íntimos.

Por fim, as dimensões do ciberabuso no namoro desempenharam um papel mediador significativo na relação entre o estilo de vinculação preocupado e os sintomas depressivos. Tal como explicado por Caridade et al., (2019), o ciberabuso no namoro pode manifestar-se sob a forma de agressão direta ou de controlo, tanto por parte das vítimas como dos perpetradores. Devido à ausência de interação presencial, os perpetradores conseguem controlar as suas vítimas independentemente de barreiras geográficas, monitorizando constantemente os seus movimentos (Zweig et al., 2014). Estes comportamentos têm um forte impacto nas vítimas, gerando sentimentos de impotência e contribuindo para o desenvolvimento de sintomas depressivos. O ciberabuso no namoro apresenta um pico preocupante de ocorrência entre os 18 e os 25 anos, período que coincide com a entrada para a universidade (Johnson et al., 2014).

Os indivíduos com estilo de vinculação preocupada tendem a recorrer às tecnologias como forma de obter confirmação e maior envolvimento por parte dos seus parceiros. Esta busca constante por validação, associada ao ciberabuso, pode levar a um aumento de sintomas depressivos. Por outras palavras, estes resultados sustentam o papel mediador significativo do ciberabuso no namoro. Além disso, estes resultados sustentam a noção de risco cumulativo e de exposição acrescida entre os estudantes universitários portugueses a múltiplos tipos de ciberabuso no namoro e, conseqüentemente, a sintomas depressivos. Assim, considerando o papel que as tecnologias podem desempenhar no controlo e ameaça a um parceiro, é fundamental que os profissionais de saúde mental estejam preparados para apoiar vítimas de ciberabuso no namoro, e que os especialistas em tecnologia desenvolvam ferramentas que promovam uma utilização mais segura e protegida das plataformas digitais.

Limitações e futuros estudos

Existem algumas limitações que devem ser consideradas ao interpretar estes resultados. Em primeiro lugar, o desenho transversal do estudo implica que se deve ter cautela na interpretação das relações causais entre as variáveis. Assim, a implementação de estudos longitudinais poderá permitir uma delimitação mais rigorosa das relações causais. Em segundo lugar, as escalas de autorrelato podem estar enviesadas por desejabilidade social, bem como pelas interpretações subjetivas dos participantes sobre o significado dos itens. A utilização de uma abordagem longitudinal poderá enviesar estas limitações em investigações futuras. Em terceiro lugar,

os participantes do presente estudo constituíram uma amostra de conveniência, o que limita a generalização dos resultados a outros grupos sociodemográficos. Estudos futuros poderão recorrer a métodos de amostragem alternativos de modo a reduzir possíveis enviesamentos e replicar estas variáveis noutras populações, como adolescentes, indivíduos de diferentes nacionalidades, entre outros. Em quarto lugar, investigações futuras poderão também alargar o presente estudo considerando outros fatores relevantes, como o género, diferenças etárias e o contexto cultural, no desenvolvimento de um modelo mais abrangente que integre diferentes perspetivas teóricas.

Conclusão

O ciberabuso no namoro tem despertado o interesse de diversos investigadores devido às implicações negativas que apresenta na vida dos estudantes universitários a nível pessoal quanto social. Os estudos realizados a esta nova forma de agressão visam a uma melhor compreensão sobre este recente fenómeno, para que se possam delinear medidas de intervenção e promoção eficazes, de modo que esta nova forma de agressão entre jovens adultos não seja cada vez mais normalizada. Neste sentido, este estudo apresenta um pequeno contributo nessa compreensão e conhecer novos fatores associados a violência através da tecnologia.

Referências

- Ainsworth, M. D. (1978). The Bowlby-Ainsworth Attachment Theory. *Behavioral and Brain Sciences*, 1(3), 436–38. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00075828>
- Amaral, I., Antunes, E., & Flores, A. M. M. (2023). How do Portuguese young adults engage and use m-apps in daily life? An Online Questionnaire Survey. *Observatorio (OBS*)* 17(2), 245–63. <https://doi.org/10.15847/obsOBS17220232141>
- Amaral, I., Flores, A. M. M., & Antunes, E. (2022). Desafiando imaginários: Práticas mediadas de jovens adultos em aplicações móveis [Challenging imaginaries: Young adults' mediated practices in mobile applications. *Media & Jornalismo* 22(41),141–60. https://doi.org/10.14195/2183-5462_41_8
- Bookwala, J. (2002). The role of own and perceived partner attachment in relationship aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 17(1), 84-100. <https://doi.org/10.1177/0886260502017001006>
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports*, 116(2), 565–585. <https://doi.org/10.2466/21.16.PR0.116k22w4>
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Volume II: Separation, Anxiety and Anger*. London: The Hogarth press and the institute of psycho-analysis.
- Cardoso, C. E. L. M. (2012). *Vinculação e reconhecimento emocional*. Master Dissertation, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida]. <http://hdl.handle.net/10400.12/3319>
- Caridade, S. M. M., & Braga, T. (2020). Youth Cyber Dating Abuse: A meta-analysis of risk and protective factors. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 14(3), Article 2. <https://doi.org/10.5817/CP2020-3-2>
- Caridade, S., Braga, T., & Borrajo, E. (2019). Cyber dating abuse (CDA): Evidence from a systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 48, 152–168. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.08.018>

- Dardis, C. M., Strauss, C. V., & Gidycz, C. A. (2019). The psychological toll of unwanted pursuit behaviors and intimate partner violence on undergraduate women: A dominance analysis. *Psychology of Violence, 9*(2), 209–220. <https://doi.org/10.1037/vio0000189>
- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994). *Relationship Scales Questionnaire (RSQ)*, [Database record]. APA PsycTests. <https://doi.org/10.1037/t10182-000>
- Henderson, A. J. Z., Bartholomew, K., Trinke, S. J., & Kwong, M. J. (2005). When loving means hurting: An exploration of attachment and intimate abuse in a community sample. *Journal of Family Violence, 20*(4), 219–230. <https://doi.org/10.1007/s10896-005-5985-y>
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2020). Digital Dating Abuse Among a National Sample of U.S. Youth. *Journal of Interpersonal Violence, 36*(23-24), 11088-11108. <https://doi.org/10.1177/0886260519897344>
- Hoenicka, M. A. K., López-de-la-Nieta, O., Rubio, J. L. M., Shinohara, K., Yee Neoh, M. J., Dimitriou, D., Esposito, G., & Iandolo, G. (2022). Parental bonding in retrospect and adult attachment style: A comparative study between Spanish, Italian and Japanese cultures. *PLoS ONE, 17*(12), e0278185. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0278185>
- Johnson, W. L., Giordano, P. C., Manning, W. D., & Longmore, M. A. (2015). The age-IPV curve: changes in the perpetration of intimate partner violence during adolescence and young adulthood. *Journal of Youth and Adolescence, 44*(3), 708–726. <https://doi.org/10.1007/s10964-014-0158-z>
- Lancaster, M., Seibert, G. S., Cooper, A. N., May, R. W., & Fincham, F. (2019). Relationship quality in the context of cyber dating abuse: The role of attachment. *Journal of Family Issues, 41*(6), 739-758. <https://doi.org/10.1177/0192513X19881674>
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995). The structure of negative emotional states: comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy, 33*(3), 335–343. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)00075-u](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)00075-u)
- Lu, Y., Van Ouytsel, J., & Temple, J. R. (2021). In-person and cyber dating abuse: A longitudinal investigation. *Journal of Social and Personal Relationships, 38*(12), 3713-3731. <https://doi.org/10.1177/02654075211065202>
- Marcum, C. D., Higgins, G. E., & Nicholson, J. (2018). Crossing boundaries online in romantic relationships: An exploratory study of the perceptions of impact on partners by cyberstalking offenders. *Deviant Behavior, 39*(6), 716-731. <https://doi.org/10.1080/01639625.2017.1304801>
- Martínez-Soto, A., & Ibabe, I. (2024). Cyber dating abuse: Conceptualization and meta-analysis of prevalence rates. *Anuario de Psicología Jurídica, 34*(1), 133–144. <https://doi.org/10.5093/apj2023a11>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in Adulthood: Structure, Dynamics, and Change*. New York: The Guilford Press.
- Moccia, L., Janiri, D., Pepe, M., Dattoli, L., Molinaro, M., De Martin, V., Chieffo, D., Janiri, L., Fiorillo, A., Sani, G., & Di Nicola, M. (2020). Affective temperament, attachment style, and the psychological impact of the COVID-19 outbreak: an early report on the Italian general population. *Brain, Behavior, and Immunity, 87*, 75–79. <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.04.048>
- Moreira de Sousa, J., Moreira, C. A., & Telles-Correia, D. (2018). Anxiety, depression and academic performance: a study amongst Portuguese medical students versus non-medical students. *Acta Medica Portuguesa, 31*(9), 454–62. <https://doi.org/10.20344/amp.9996>
- Pace, U., Cacioppo, M., Lo Cascio, V., Guzzo, G., & Passanisi, A. (2016). Are there similar or divergent transitions to adulthood in a mediterranean context? A cross-national comparison of Italy and Spain. *Europe's Journal of Psychology, 12*(1), 153–168. <https://doi.org/10.5964/ejop.v12i1.1043>

- Pais-Ribeiro, J. L., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação Portuguesa das escalas de ansiedade, depressão e stress (EADS) de 21 itens de Lovibond e Lovibond. *Psicologia, Saúde & Doença*, 5(1), 229–39.
- Park, C. L., Russell, B. S., Fendrich, M., Finkelstein-Fox, L., Hutchison, M., & Becker, J. (2020). Americans' COVID-19 Stress, Coping, and Adherence to CDC Guidelines. *Journal of General Internal Medicine*, 35(8), 2296–2303. <https://doi.org/10.1007/s11606-020-05898-9>
- Peskin, M. F., Markham, C. M., Shegog, R., Temple, J. R., Baumler, E. R., Addy, R. C., Hernandez, B., Cuccaro, P., Gabay, E. K., Thiel, M., & Emery, S. T. (2017). Prevalence and correlates of the perpetration of cyber dating abuse among early adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 46(2), 358–375. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0568-1>
- Peterson, J., & Densley, J. (2017). Cyber violence: What do we know and where do we go from here? *Aggression and Violent Behavior*, 34, 193–200. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.01.012>
- Phillips, A. R., & Klest, B. (2022). Examining the perceived harms of digital dating abuse: a university sample. *Journal of Youth Studies*, 27(1), 111–124. <https://doi.org/10.1080/13676261.2022.2101359>
- Sargent, K. S., Krauss, A., Jouriles, E. N., & McDonald, R. (2016). Cyber victimization, psychological intimate partner violence, and problematic mental health outcomes among first-year college students. *Cyberpsychology, Behavior and Social networking*, 19(9), 545–550. <https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0115>
- Schmitt, D. P. (2008). Evolutionary perspectives on romantic attachment and culture: How ecological stressors influence dismissing orientations across genders and geographies. *Cross-Cultural Research: The Journal of Comparative Social Science*, 42(3), 220–247. <https://doi.org/10.1177/1069397108317485>
- Strawhun, J., Adams, N., & Huss, M. T. (2013). The assessment of cyberstalking: an expanded examination including social networking, attachment, jealousy, and anger in relation to violence and abuse. *Violence and Victims*, 28(4), 715–730. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.11-00145>
- Terenó, S., Soares, I., Martins, C., Celani, M., & Sampaio, D. (2008). Attachment styles, memories of parental rearing and therapeutic bond: a study with eating disordered patients, their parents and therapists. *European eating disorders review : the journal of the Eating Disorders Association*, 16(1), 49–58. <https://doi.org/10.1002/erv.801>
- Toplu-Demirtaş, E., Akcabozan-Kayabol, N. B., Araci-Iyiyaydin, A., & Fincham, F. D. (2022). unraveling the roles of distrust, suspicion of infidelity, and jealousy in cyber dating abuse perpetration: an attachment theory perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(3-4), NP1432–NP1462. <https://doi.org/10.1177/0886260520927505>
- Vakhitova, Z. I., Alston-Knox, C. L., Reeves, E., & Mawby, R. I. (2021). Explaining victim impact from cyber abuse: an exploratory mixed methods analysis. *Deviant Behavior*, 43(10), 1153–1172. <https://doi.org/10.1080/01639625.2021.1921558>
- Van Baak, C., Maher, C. A., Protas, M. E., & Hayes, B. E. (2022). Victims and perpetrators of cyber harassment: the role of power and control and the use of techniques of neutralization. *Deviant Behavior*, 44(5), 690–707. <https://doi.org/10.1080/01639625.2022.2088317>
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2020). Cyber dating abuse: investigating digital monitoring behaviors among adolescents from a social learning perspective. *Journal of interpersonal violence*, 35(23-24), 5157–5178. <https://doi.org/10.1177/0886260517719538>
- Villora, B., Yubero, S., & Navarro, R. (2019). Cyber dating abuse and masculine gender norms in a sample of male adults. *Future Internet*, 11(4), 84. <https://doi.org/10.3390/fi11040084>

- Villora, B., Yubero, S., & Navarro, R. (2021). Subjective well-being among victimized university students: Comparison between cyber dating abuse and bullying victimization. *Information Technology & People*, 34(1), 360–374. <https://doi.org/10.1108/ITP-11-2018-0535>
- Weisskirch, R. S., & Delevi, R. (2011). “Sexting” and adult romantic attachment. *Computers in Human Behavior*, 27(5), 1697–1701. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.02.008>
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(7), 1063–1077. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9922>
- Zweig, J. M., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2014). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal of youth and adolescence*, 43(8), 1306–1321. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0047-x>

A PSICODINÂMICA DO VÍCIO EM HEROÍNA: O CASO TRÁGICO DA SUPERMODELO GIA CARANGI

THE PSYCHODYNAMICS OF HEROIN ADDICTION: THE TRAGIC CASE OF SUPERMODEL GIA CARANGI

LA PSICODINÁMICA DE LA ADICCIÓN A LA HEROÍNA: EL TRÁGICO CASO DE LA SUPERMODELO GIA CARANGI

Beatriz Silva¹

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XIX • ISSUE FASCÍCULO 1
1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2025 • PP. 34-48
DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XXI.1.3>
Submitted on 01/01/2025 Submetido a 01/01/2025
Accepted on 21/05/2025 Aceite a 21/05/2025

Resumo

Este artigo explora a psicodinâmica da dependência de heroína, analisando o caso de Gia Carangi, uma modelo icónica dos anos 1980, cuja trajetória ilustra o impacto do abuso de substâncias no contexto das celebridades. O objetivo principal é investigar os fatores psicossociais e culturais que contribuíram para o desenvolvimento e agravamento da sua dependência, destacando o papel da pressão mediática, da alta costura e do fenómeno “heroin chic”.

A abordagem metodológica é qualitativa, baseando-se na análise de fontes primárias, como biografias, entrevistas e registos clínicos, complementada por uma revisão da literatura académica sobre dependência química e cultura de celebridades. Este desenho permite uma compreensão aprofundada da complexidade dos fatores envolvidos, desde as pressões externas à vulnerabilidade individual.

O projeto é inovador ao combinar a análise psicossocial com o enquadramento cultural, sublinhando a importância de intervenções psicossociais direcionadas para figuras públicas vulneráveis. Ao relacionar fama, saúde mental e abuso de substâncias, pretende-se contribuir para a discussão sobre estratégias de prevenção e apoio em contextos de elevada exposição mediática, oferecendo insights relevantes para a psicologia forense e para a saúde mental, com vista a evitar trajetórias semelhantes em futuras gerações.

Palavras-chave: heroína; dependência; Gia Carangi; psicodinâmica; psicologia forense

¹ Universidade da Beira Interior, Portugal. b.silva@ubi.pt

Summary

This article explores the psychodynamics of heroin addiction, analyzing the case of Gia Carangi, an iconic model from the 1980s, whose trajectory illustrates the impact of substance abuse in the context of celebrities. The main objective is to investigate the psychosocial and cultural factors that contributed to the development and worsening of her addiction, highlighting the role of media pressure, high fashion and the “heroin chic” phenomenon.

The methodological approach is qualitative, based on the analysis of primary sources such as biographies, interviews and clinical records, complemented by a review of academic literature on drug addiction and celebrity culture. This design allows for an in-depth understanding of the complexity of the factors involved, from external pressures to individual vulnerability.

The project is innovative in combining psychosocial analysis with cultural framing, underlining the importance of psychosocial interventions targeting vulnerable public figures. By linking fame, mental health and substance abuse, it aims to contribute to the discussion on prevention and support strategies in contexts of high media exposure, offering relevant insights for forensic psychology and mental health, with a view to avoiding similar trajectories in future generations.

Keywords: heroin; addiction; Gia Carangi; psychodynamics; forensic psychology

Resumen

Este artículo explora la psicodinámica de la adicción a la heroína, analizando el caso de Gia Carangi, modelo icónica de los años ochenta cuya trayectoria ilustra el impacto del abuso de sustancias en el contexto de la celebridad. El objetivo principal es investigar los factores psicosociales y culturales que contribuyeron al desarrollo y agravamiento de su adicción, destacando el papel de la presión mediática, la alta costura y el fenómeno «heroin chic».

El enfoque metodológico es cualitativo, basado en el análisis de fuentes primarias como biografías, entrevistas e historias clínicas, complementado con una revisión de la literatura académica sobre drogadicción y cultura de los famosos. Este diseño permite comprender en profundidad la complejidad de los factores implicados, desde las presiones externas hasta la vulnerabilidad individual.

El proyecto es innovador en el sentido de que combina el análisis psicosocial con un marco cultural, haciendo hincapié en la importancia de las intervenciones psicosociales dirigidas a personajes públicos vulnerables. Al vincular la fama, la salud mental y el abuso de sustancias, pretende contribuir al debate sobre las estrategias de prevención y apoyo en contextos de gran exposición mediática, ofreciendo perspectivas relevantes para la psicología forense y la salud mental, con vistas a evitar trayectorias similares en las generaciones futuras.

Palabras llave: heroína; adicción; Gia Carangi; psicodinámica, psicología forense

1. Introdução

1.1. Pressões, Vício e Alta Costura

O mundo da alta costura é amplamente reconhecido pela sua estética exuberante e por promover ideais de beleza que, para muitos, parecem inatingíveis (Smith et al., 2023). Modelos e celebridades nesse universo são frequentemente vistos como figuras de perfeição e sucesso, movendo-se em cenários de glamour e fascínio. No entanto, esse brilho esconde um lado sombrio: a pressão extrema, a exaustão psicológica e o recurso frequente a substâncias como a heroína (Giles & Rockwell, 2009), usada não só como uma forma de refúgio, mas também como um símbolo de uma estética de “fragilidade” e rebeldia, conhecida como *heroin chic* (Smith et al., 2023). Este trabalho tem como objetivo explorar esse lado menos visível e pouco discutido da alta costura, analisando o caso específico de Gia Carangi, uma supermodelo que se tornou um símbolo dessa era, mas que sucumbiu aos efeitos devastadores do vício em heroína (Fried, 1993).

Com esta pesquisa, pretende-se não apenas compreender as razões pelas quais figuras públicas, como supermodelos, são atraídas pelo uso de drogas, mas também os seus efeitos, contextos e pressões sociais que contribuem para esse fenômeno. Este tema é relevante para a Psicologia Forense, abordando as implicações psicológicas e sociais que acompanham o abuso de substâncias em ambientes de visibilidade e poder.

2. Descrição do Caso

2.1. Gia Carangi: Biografia

Nascida em 1960, na Filadélfia, Gia Carangi tinha uma família marcada por conflitos e instabilidade. Filha de Joseph e Kathleen Carangi, cresceu num ambiente de constante tensão familiar, o que contribuiu para uma sensação de deslocamento e vulnerabilidade que a acompanharia no futuro. Mesmo com o contexto caótico, a sua beleza natural e carisma eram notáveis desde cedo (Fried, 1993).

Aos 17 anos, foi descoberta por um fotógrafo local enquanto trabalhava na tasca de Joseph, iniciando uma carreira inigualável no mundo da moda. Em pouco tempo, mudou-se para Nova York e assinou com a agência Wilhelmina Models, onde as características exóticas e a personalidade magnética rapidamente captaram a atenção de grandes fotógrafos e designers (Fried, 1993). A sua presença única tornou-a numa das primeiras supermodelos da era moderna e uma das primeiras modelos abertamente homossexuais no cenário da moda, desafiando padrões de beleza e preconceitos sociais da época (Fried, 1993).

Entretanto, o sucesso trouxe uma enorme pressão que começou a cobrar o seu preço. A cultura de excessos que permeava a indústria da moda dos anos 70 e 80 e a constante exposição ao uso de drogas rapidamente transformaram a vida de Gia. O recurso a substâncias na indústria da moda da época era considerado comum, especialmente entre aqueles que procuravam manter uma aparência esguia e lidar com a alta pressão da profissão (Fried, 1993). Inicialmente usadas para enfrentar as necessidades da carreira, as drogas tornaram-se numa dependência que começou a corroer a sua vida pessoal e profissional. Os problemas com pontualidade e comportamento

errático nas sessões de fotos e desfiles começaram a afastá-la dos principais trabalhos, e a sua aparência começou a refletir os impactos da luta com o vício (Fried, 1993).

Com o despencar da sua carreira e a intensificação do vício, enfrentou períodos de extrema pobreza. Durante uma das fases mais sombrias de sua vida, chegou a recorrer à prostituição para sustentar o vício em heroína, as situações de vulnerabilidade e risco extremo resultaram em múltiplas violações (Mares, 2020).

Apesar de várias tentativas de reabilitação, a modelo enfrentou uma batalha difícil e constante contra o vício, marcada por breves períodos de sobriedade seguidos de dolorosos retrocessos. Simultaneamente, a sua saúde mental também deteriorava, com a solidão e a pressão do sucesso acentuando a sua vulnerabilidade emocional (Fried, 1993). Durante esse período, contraiu o vírus da imunodeficiência humana (VIH), possivelmente devido ao compartilhamento de seringas durante o uso de heroína - a principal forma de transmissão entre usuários de drogas injetáveis no Estados Unidos, especialmente em áreas urbanas durante os anos 80, onde a pandemia estava em plena ascensão (Fee & Krieger, 1993; Zurlinden & Shilts, 1988). Na época, a síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA) era alvo de estigma e medo, com poucas opções de tratamento e uma compreensão ainda limitada sobre a sua transmissão e prevenção (Brandt, 1988).

Nos últimos anos, a realidade angustiante da doença isolou-a ainda mais numa época em que a doença carregava um estigma pesado e poucos recursos de tratamento estavam disponíveis (Fried, 1993). A estigmatização do VIH/SIDA era agravada por estar associada a populações marginalizadas, incluindo usuários de drogas e a comunidade LGBTQIAPN², o que contribuiu para a falta de empatia e compreensão pública na época (Fee & Krieger, 1993). Esse contexto dificultou tanto o acesso a redes de apoio quanto o tratamento, agravando o sofrimento e isolamento de Gia e de outros lesados (Room, 1995).

A 18 de novembro de 1986, aos 26 anos, Carangi faleceu devido a complicações relacionadas à SIDA/VIH, tornando-se um símbolo poderoso das dificuldades que podem acompanhar a fama e o glamour (Fried, 1993). A sua vida e carreira abriram espaço para discussões acerca dos desafios emocionais e os perigos de abuso de substâncias e as questões de saúde mental na indústria da moda. A modelo é lembrada não apenas pela beleza, mas pela franqueza com que enfrentou a vida pública, sendo homenageada em testemunhos de conhecidos, livros, filmes e documentários que exploram o legado e os desafios enfrentados pela primeira supermodelo a encarar as pressões da fama de maneira tão pública, vulnerável e emocionalmente desgastante (Fried, 1993).

3. Métodos

3.1. Tipo de Estudo

Este artigo apresenta uma análise de caso que explora a trajetória de Gia Carangi, uma das supermodelos mais icônicas da década de 1980, conhecida pelo estilo *heroin chic*, com o objetivo

2 Utiliza-se a sigla LGBTQIAPN+ por ser a versão vigente e inclusiva no momento da escrita deste artigo (2024). A sigla abrange Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexos, Assexuais, Pessoas Pan/Poli e Não-binárias, entre outras identidades.

de examinar os fatores psicossociais e culturais que influenciaram o desenvolvimento de dependência em heroína e compreender os impactos desse ambiente sobre a saúde mental de figuras públicas. A escolha do estudo de caso possibilita uma análise aprofundada de temas complexos num contexto específico, como o da alta costura, onde as pressões psicológicas e a glamourização do uso de drogas são comuns e amplamente estudados.

3.2. Fontes de Dados

A recolha de dados foi baseada em fontes secundárias - artigos encontrados com recurso a palavras-chaves (heroin, celebrities, addiction e AIDS) combinadas de diferentes formas consoante a satisfação com os resultados obtidos, nas bases de dados (Web of Science e Scopus) e motores de pesquisa (Google Académico e Research Gate); entrevistas, livros e biografias na página oficial de tributo à modelo (Gia Carangi Lived Here) - que incluem: relatos documentais da vida de Gia Carangi, documentários e entrevistas que capturam a sua experiência pessoal e o impacto do “heroin chic” na moda (Smith et al., 2023); estudos científicos acerca do impacto da fama e o uso de substâncias em celebridades, como “Being a Celebrity: A Phenomenology of Fame” (Giles & Rockwell, 2009), que explora as dinâmicas psicológicas e sociais da fama e a vulnerabilidade das celebridades ao uso de substâncias; pesquisa acerca de *media* e cultura das celebridades, análises da construção social do vício e o papel da *media* na perceção pública sobre o uso de drogas, como “Celebrity Gossip Blogs and the Interactive Construction of Addiction” (Tiger, 2015), que discute a interação entre público e *media* na criação de narrativas sobre dependência; literatura científica sobre o *heroin chic* e as suas implicações psiquiátricas. Os dados utilizados neste estudo foram obtidos de fontes públicas.

Para garantir a qualidade e relevância das informações, foram adotados critérios específicos de inclusão e exclusão das fontes. Critérios de inclusão: fontes que fornecem informações detalhadas sobre a trajetória de Gia Carangi e sobre o *heroin chic* como fenómeno cultural e social; estudos científicos sobre vício em heroína, saúde mental de celebridades, vírus da imunodeficiência humana (VIH) e síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA), e impacto da *media* sobre a normalização do uso de substâncias. Critérios de exclusão: materiais sensacionalistas, fontes com conteúdo especulativo e relatos sem fundamentação científica; as fontes excluídas também incluíram aquelas que abordavam a temática de forma superficial ou imprecisa.

3.3. Procedimento de Análise

De forma a identificar e organizar os principais temas nas fontes selecionadas, foi realizada uma análise temática, fundamentando-se em metodologias amplamente reconhecidas na pesquisa qualitativa, que seguiu o modelo enunciado por Braun & Clarke (2006). A análise foi guiada por quatro categorias:

Fatores psicossociais e culturais: exploração dos aspetos culturais que contribuíram para a criação e o reforço do *heroin chic* e como essa estética impactou o comportamento e as decisões de figuras públicas. Este tema é sustentado por literatura sobre o impacto de tendências culturais na saúde mental de figuras públicas (Giles, 2002).

Pressão da fama e do meio da moda: como a indústria da moda impôs um estilo que, de certa forma, normalizou o uso de heroína e contribuiu para a marginalização de quem enfrentava problemas com substâncias. Esse aspecto é explorado em profundidade por Smith et al. (2023), que discute o impacto negativo da glamourização da heroína na *media* e na saúde mental dos indivíduos.

Consequências psicossociais do vício: análise dos impactos do vício de Gia sobre saúde mental e nas relações interpessoais, enfatizando temas de isolamento e estigmatização. Referências como o trabalho de Meyers (2009), sobre o desgaste mediático das celebridades contribuem para o estigma em torno das celebridades dependentes de droga (Tiger, 2015).

Implicações para a Psicologia Forense: discussão acerca da importância de intervenções e políticas preventivas para figuras públicas expostas ao abuso de substâncias, sustentada por literatura que investiga a psicodinâmica de vício e intervenções forenses em contextos de alta visibilidade (Marshall, 1997; Giles & Rockwell, 2009).

3.5. Considerações

Embora este artigo seja baseado em dados públicos, não envolvendo coleta de dados primários com sujeitos humanos, foram tomadas considerações de maneira a respeitar a memória de Gia Carangi e manter o foco no objetivo científico da análise. Mesmo que o caso tenha sido amplamente documentado, é fundamental que a abordagem evite qualquer exploração sensacionalista dos aspectos delicados da vida pessoal da modelo, para tal, a pesquisa qualitativa priorizou a compreensão dos fatores culturais e psicológicos do vício sem recorrer ao sensacionalismo.

4. Implicações da Heroína

4.1. Descrição dos Efeitos da Heroína

A heroína é um opiáceo semissintético derivado da morfina, amplamente utilizado de forma recreativa devido aos seus efeitos analgésicos e eufóricos (Kosten & George, 2002). Quando administrada, seja por via intravenosa, inalação ou fumo, a droga liga-se rapidamente aos receptores opioides no cérebro, ativando um sistema de recompensa dopaminérgico e induzindo uma sensação de euforia seguida de relaxamento profundo (Kosten & George, 2002). Esses efeitos iniciais tornam a heroína altamente viciante, promovendo um ciclo de reforço positivo no qual o indivíduo busca repetidamente a droga para reproduzir a sensação inicial, operando principalmente pelo condicionamento operante (Kosten & George, 2002).

Com o uso repetido, a tolerância desenvolve-se, levando ao consumo de doses cada vez maiores para atingir os mesmos efeitos (Kosten & George, 2002). Isso, combinado com os sintomas debilitantes da abstinência, como insônia, dores musculares, náuseas e ansiedade extrema, perpetua um ciclo de dependência física e psicológica (Volkow et al., 2016). Estudos mostram que o uso prolongado de heroína pode causar alterações no cérebro, especialmente nas regiões associadas ao controle de impulsos e à regulação emocional (Koob & Volkow, 2009). Essas alterações

contribuem para o comportamento compulsivo e a incapacidade de interromper o uso, mesmo diante de graves consequências pessoais e sociais (Volkow et al., 2016).

Os impactos físicos da heroína também são severos. Além do risco elevado de overdose, devido à supressão respiratória, o uso intravenoso de heroína está associado à transmissão de doenças como HIV e hepatite C, especialmente em populações que compartilham seringas (Degenhardt et al., 2013). Esses fatores são particularmente relevantes no caso de Gia Carangi, que sucumbiu às complicações associadas ao VIH numa época em que a consciencialização e os tratamentos eram limitados (Fried, 1993).

4.2. Contribuições para a Psicopatologia do Vício

A dependência em heroína é um fenómeno multifatorial, envolvendo interações complexas entre predisposições genéticas, fatores psicológicos e influências ambientais (Nestler, 2005). Estudos mostram que indivíduos com histórico familiar de abuso de substâncias possuem maior vulnerabilidade biológica ao desenvolvimento de vícios, devido a variações genéticas nos sistemas dopaminérgicos e opioides (Goldman et al., 2005). No modelo, fatores de risco emocionais, como o trauma de uma infância complicada e a instabilidade emocional, podem ter desempenhado um papel crítico no uso inicial de heroína como um mecanismo de defesa (Khantzian, 1997).

O contexto sociocultural em que Gia viveu também foi um impulsionador para o seu vício. Durante os anos 80, a heroína era glamourizada em subculturas específicas, como a da moda, e representada como um símbolo de rebeldia e exclusividade (Hunt et al., 2007). O movimento estético *heroin chic* romantizou o uso de heroína, associando a droga a uma aparência frágil e desgastada que refletia a vulnerabilidade emocional. Esse contexto cultural pode ter influenciado Carangi a normalizar o uso de drogas como parte da sua identidade profissional e pessoal (Smith et al., 2023).

4.3. Impacto na Vida e Saúde Mental da Modelo

O vício em heroína não apenas afetou a saúde física de Gia Carangi, mas também teve profundas implicações sociais e emocionais (Fried, 1993). A sua história ilustra como a dependência pode isolar indivíduos, levando a um ciclo de estigmatização e marginalização, especialmente num ambiente tão competitivo como o da alta costura (Room, 2005).

Numa fase precoce, a droga serviu como uma fuga das pressões da alta costura e das suas emoções negativas, mas rapidamente a sua dependência comprometeu a sua saúde mental e estabilidade profissional (Fried, 1993). Estudos indicam que o abuso de substâncias em ambientes de alta pressão, como o de celebridades, é exacerbado pela falta de redes de apoio e pela presença de pressões contínuas para atender às expectativas externas (Giles & Rockwell, 2009).

O declínio da sua saúde mental tornou-se evidente por meio de comportamentos erráticos e do seu isolamento progressivo (Fried, 1993). A heroína agravou a sua vulnerabilidade psicológica, acentuando sentimentos de solidão e desespero, enquanto o estigma associado ao uso de drogas a afastou ainda mais de potenciais fontes de ajuda (Room, 2005). Esse isolamento social é frequentemente observado em consumidores de heroína, que enfrentam tanto preconceitos generalizados quanto marginalização específica, especialmente em contextos públicos ou profissionais (Lloyd, 2013).

Além dos impactos emocionais, o uso prolongado de heroína afetou fisicamente Gia de forma significativa (Fried, 1993). O uso repetido de seringas contaminadas e a necessidade de recorrer à prostituição para continuar a consumir resultaram na transmissão de VIH, uma complicação comum entre usuários de drogas injetáveis na época (Degenhardt et al., 2013). A sua condição de saúde, combinada com a ausência de apoio social efetivo, contribuiu para um ciclo de degradação física e emocional que culminou na sua morte prematura aos 26 anos; refletindo uma combinação de fatores psicossociais, culturais e biológicos que exemplificam a complexidade do vício em heroína (Fried, 1993).

5. Drogas e a Cultura das Celebidades

5.1. Influência do “Heroin Chic”

A cultura das celebridades frequentemente glorifica os estilos de vida hedonistas, o que pode contribuir para o uso de substâncias (Giles, 2002). Este fenômeno é evidente no caso de Gia Carangi, cuja ascensão e queda exemplificam os riscos associados à fama (Fried, 1993).

O termo *heroin chic* surgiu como uma estética cultural nas décadas de 1980 e 1990 (Smith et al., 2023). Caracterizado por corpos extremamente magros, pele pálida e um ar de vulnerabilidade, o estilo foi amplamente promovido pela indústria da moda e pela *media*, sendo romantizado em revistas fotográficas e campanhas publicitárias de grandes marcas (Smith et al., 2023). Essa glamourização camuflava os danos causados pela heroína, transformando a substância destrutiva num símbolo de rebeldia e exclusividade (Smith et al. 2023; Tiger, 2013).

Gia Carangi foi uma das primeiras figuras a serem associadas a essa estética, ainda que de forma trágica. A sua aparência delicada e marcante foi frequentemente usada para vender a ideia de beleza sombria, embora as suas lutas internas com o vício tenham sido minimizadas ou ignoradas pela indústria (Fried, 1993). O caso de Gia ilustra como o *heroin chic* não apenas normalizou o uso de droga em certos círculos, mas também contribuiu para a perpetuação de um ambiente que desestimulava a procura por ajuda (Hunt et al., 2007; Giles, 2002). Estudos mostram que representações midiáticas como essas podem aumentar a aceitação social do uso de substâncias entre jovens e indivíduos vulneráveis, enquanto marginalizam as consequências negativas (Room, 2005).

5.2. Pressão Social e Celebração do Vício

A cultura das celebridades frequentemente amplifica comportamentos autodestrutivos, promovendo o uso de drogas como parte do estilo de vida glamoroso (Smith et al., 2023). No caso da alta costura, o abuso de substâncias é muitas vezes considerado um “mal necessário” para manter o ritmo exigente de trabalho, atender a padrões estéticos extremos e lidar com a pressão constante por relevância (Meyers, 2009).

Just et al. (2016) realizaram um estudo com base em 295 celebridades que faleceram de *overdose* entre 1970 e 2015, entre as quais apenas 220 corresponderam os critérios de inclusão (referências confiáveis, substâncias e contexto da morte claros e descrição precisa da substância). Dos participantes, 75% são do sexo masculino e os restantes 25% são do feminino, a média de idade

com que faleceram é 38.6 (a = 12.1), a média do ano de falecimento é 1995 (a = 13) e 65.5% têm nacionalidade americana.

De acordo com a amostra coletada, é possível verificar que modelos correspondem a 5% das profissões das celebridades que faleceram devido à toxicod dependência (Fig. 1). Fica também evidente que a substância mais utilizada (excluindo outras drogas prescritas não identificadas) é a heroína (Fig. 2), a mesma que resultou na decadência e posterior óbito de Carangi.



Fig. 1 Profissões com celebridades que faleceram devido à toxicod dependência entre 1970 e 2015

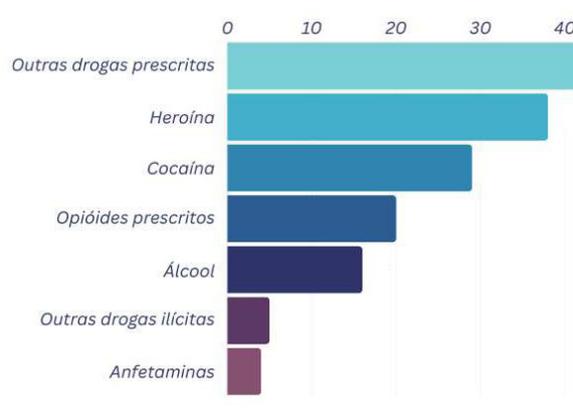


Fig. 2 Substâncias utilizadas pelas celebridades que faleceram devido à toxicod dependência entre 1970 e 2015

Nota. Dados de ambos os gráficos (Fig. 1 e Fig. 2) adaptados de “Drug-related celebrity deaths: A cross-sectional study”, por Just et al., 2016, Substance Abuse Treatment Prevention and Policy.

No caso de Gia Carangi, as pressões para se encaixar nos padrões rígidos da indústria e a necessidade de manter uma aparência perfeita em todos os momentos agravaram a sua vulnerabilidade psicológica (Fried, 1993). A heroína, vista por muitos na época como uma “droga de elite”, era amplamente utilizada em círculos fechados da moda para aliviar o stress e suprimir o apetite, contribuindo para manter a aparência desejada (Khantzian, 1997; Smith et al., 2023). Essa romantização do uso de drogas reforça a noção de que o sucesso profissional e a autodestruição estão interligados em ambientes de alta pressão, criando uma cultura de normalização perigosa (Tiger, 2013).

Além disso, a mídia desempenhou um papel crucial na perpetuação dessas narrativas, retratando figuras públicas que usavam drogas como indivíduos rebeldes e autênticos, ao mesmo tempo em que explorava os aspectos mais sensacionalistas das suas vidas (Lloyd, 2013). Esse tipo de documentação contribuiu para a construção interativa de vícios, na qual o público, através de comentários e interação com essas histórias, reforça percepções distorcidas sobre o uso de substâncias (Tiger, 2013).

5.3. Dicotomia da Fama

A relação entre fama e saúde mental tem sido bastante estudada, com evidências de que a exposição constante ao público e a pressões para atender às expectativas podem exacerbar problemas psicológicos subjacentes (Giles & Rockwell, 2009). A fama cria uma dicotomia em que as

figuras públicas são idolatradas, mas também julgadas e estigmatizadas pelas suas falhas pessoais, incluindo o vício (Meyers, 2009).

Gia Carangi exemplifica como essa pressão pode levar ao colapso emocional. Embora a sua carreira tenha sido marcada por sucesso, a falta de apoio emocional adequado e o isolamento provocado pelo vício agravaram a sua saúde mental (Fried, 1993). Estudos sugerem que celebridades em ambientes de alta pressão são particularmente suscetíveis a transtornos de humor, como depressão e ansiedade, que muitas vezes as levam a recorrer a drogas como mecanismo de defesa (Koob & Volkow, 2009; Khantzian, 1997).

Esse padrão é amplificado pelo estigma associado ao uso de drogas em figuras públicas, que frequentemente as impede de procurar ajuda por medo de repercussões negativas nas suas carreiras (Lloyd, 2013). A combinação de vulnerabilidade emocional, estigma e expectativas irreais cria um ciclo no qual o abuso de substâncias se torna simultaneamente numa resposta e causa de sofrimento psicológico. Logo, é crucial que a indústria da moda reconheça e aborde os problemas de saúde mental e dependência entre os seus profissionais (Room, 2005).

6. Consequências Psicossociais do Vício

6.1. Impacto nas Relações Interpessoais e Carreira

O vício em heroína teve um impacto nas relações interpessoais de Gia Carangi, levando ao afastamento de amigos e familiares. Além disso, a sua carreira foi prejudicada, resultando em oportunidades perdidas e um legado manchado. A análise das consequências psicossociais do vício é essencial para entender a complexidade da dependência e as suas repercussões na vida de indivíduos em situações semelhantes (Fried, 1993).

Esta dependência é reconhecida por afetar profundamente as relações interpessoais e profissionais dos consumidores. No caso da modelo, o impacto foi devastador. À medida que a sua dependência progredia, enfrentava dificuldades em manter compromissos, incluindo sessões fotográficas e interações com colegas (Fried, 1993). Estudiosos indicam que o abuso de substâncias frequentemente gera comportamentos erráticos, como impulsividade e isolamento, que afetam negativamente a dinâmica social e profissional (Volkow et al., 2016).

A heroína exacerbou a vulnerabilidade emocional de Gia, tornando-a progressivamente mais distante da sua rede de apoio (Fried, 1993). Estudos mostram que dependentes químicos muitas vezes enfrentam conflitos familiares e perdas de amizades devido ao comportamento imprevisível associado ao vício (Room, 2005). No ambiente altamente competitivo da moda, esses comportamentos resultaram na sua gradual exclusão profissional, ilustrando como a dependência acentua o ciclo de exclusão social e deterioração pessoal (Room, 2005).

A estigmatização associada ao uso de drogas contribui significativamente para o isolamento social, criando barreiras que dificultam a recuperação e o apoio emocional. Gia Carangi, como figura pública, enfrentou duplo estigma: primeiro como dependente química, e segundo como uma celebridade cujas lutas pessoais eram exploradas pela mídia (Lloyd, 2013). Estudos apontam que indivíduos em posição de destaque sofrem um tipo específico de marginalização, caracterizado pelo escrutínio público e pela perda de privacidade, o que evidencia os efeitos negativos do vício (Lloyd, 2013).

Essa abordagem contribuiu para o seu afastamento do sistema de apoio social, aprofundando o seu isolamento emocional e agravando o seu estado psicológico. A heroína, inicialmente utilizada como uma fuga das pressões da fama, tornou-se a causa primária da sua exclusão social (Fried, 1993).

7. Morte Prematura de Gia

7.1. Declínio e Legado Cultural

Os últimos anos de Gia Carangi foram marcados por um rápido declínio físico e emocional, consequência direta da sua dependência em heroína e das complicações de saúde associadas, após um afastamento gradual da indústria da moda devido a comportamentos imprevisíveis, aparência deteriorada e frequentes faltas em compromissos profissionais (Fried, 1993). Estudos indicam que indivíduos dependentes de heroína frequentemente enfrentam um colapso social e económico, agravado por problemas de saúde mental e física (Degenhardt et al., 2013; Volkow et al., 2016).

Gia foi diagnosticada com vírus da imunodeficiência humana, a infeção resultou em complicações que aceleraram a sua deterioração física, culminando na sua morte precoce aos 26 anos devido a pneumonia relacionada à síndrome da imunodeficiência humana (Fried, 1993). A sua trajetória ilustra como a combinação de vício, estigmatização e barreiras aos tratamentos contribuem para desfechos fatais em indivíduos com dependência química (Room, 2005; Degenhardt et al., 2013).

Embora tragicamente breve, a vida de Gia Carangi deixou um impacto duradouro na cultura popular e na indústria da moda. Tornou-se um símbolo tanto do glamour quanto das consequências devastadoras do *heroin chic*. Enquanto a sua aparência e presença icónica definiram uma era, a sua história pessoal expôs as realidades sombrias por trás da glamourização do uso de substâncias (Fried, 1993). Estudos sugerem que histórias como a de Gia podem ajudar a desmistificar o vício, trazendo à tona os riscos associados à romantização de comportamentos autodestrutivos (Smith et al., 2023; Hunt et al., 2007).

A narrativa de Gia também contribuiu para discussões mais amplas sobre saúde mental e abuso de substâncias em ambientes de alta pressão, como a moda e o entretenimento. Nos anos seguintes à sua morte, houve um movimento crescente contra o *heroin chic*, com líderes culturais e políticos, incluindo o então presidente dos EUA, Bill Clinton, condenando a glamourização da heroína nos *media* e na publicidade (Smith et al., 2023). Essa mudança cultural ajudou a reformular a perceção pública do vício, promovendo maior consciencialização sobre as suas consequências (Volkow et al., 2016).

8. Discussão

8.1. Reflexões da Trajetória de Gia Carangi

A trajetória de Gia Carangi é uma representação poderosa dos efeitos devastadores do abuso de substâncias, agravados por fatores psicossociais e culturais. Como a própria descreveu:

Life and death energy and peace if I stoped [sic] today it was fun. Even the terriable [sic] pains that have burn [sic] me and scarred my soul it was worth it for having been allowed to walked [sic] where I've walked. Which was to hell on earth Heaven on earth back again, into, under, far in between, through it, in it over and above it (Carangi, as cited in Fried, 1993, p. 378).

Essas palavras capturam a complexidade da sua experiência, refletindo simultaneamente a luta constante entre a autodestruição e a busca por significado entre o caos.

Gia viveu num ambiente onde a pressão pela perfeição, a solidão emocional e a glamorização do vício eram partes inseparáveis do cotidiano. Esse contexto, combinado com a sua vulnerabilidade emocional, facilitou a transição para o uso de heroína como um mecanismo de defesa. As suas declarações, como “*it kind of creeps you up, in a world that's. you know, none that anyone will ever know, except someone that's been there*” (Carangi, 1982, 00:02:00), demonstram a alienação que ela sentia, uma realidade comum para muitos dependentes em ambientes de alta visibilidade.

A sua morte precoce, resultado de complicações de saúde causadas pelo abuso de heroína e pela infecção por VIH, evidencia a falta de apoio adequado na sua trajetória. Gia simboliza o impacto de uma cultura que, ao romantizar o *heroin chic*, desconsiderou os custos humanos associados à dependência química.

8.2. Prevenção e Intervenção em Celebidades

Esta trajetória destaca a importância de estratégias preventivas e intervenções específicas para figuras públicas em risco de abuso de substâncias. Celebidades frequentemente enfrentam uma combinação de fatores de risco únicos, incluindo pressão intensa por sucesso, escrutínio público constante e isolamento emocional, que as tornam particularmente vulneráveis a comportamentos autodestrutivos (Giles, 2002; Giles & Rockwell, 2009). Esses fatores requerem abordagens especializadas que integrem suporte psicológico, prevenção ao abuso de substâncias e estratégias de gestão de stress.

Programas de prevenção podem ser particularmente eficazes quando incluem componentes de educação sobre riscos associados ao abuso de substâncias, bem como estratégias para lidar com as demandas específicas da fama. Um exemplo são programas que incorporam terapias baseadas em *mindfulness*, comprovadamente eficazes na redução do stress e na promoção do bem-estar emocional em indivíduos expostos a altos níveis de pressão (Garland et al., 2011). Além disso, redes de apoio social, tanto formais (como grupos terapêuticos) quanto informais (amigos e familiares), são fundamentais para prevenir a evolução do consumo de drogas em populações vulneráveis (Kosten & George, 2002).

8.3. O Papel da Psicologia Forense na Prevenção

A Psicologia Forense desempenha um papel essencial no enfrentamento do abuso de substâncias, especialmente ao tratá-lo como um problema de saúde pública em vez de uma questão exclusivamente criminal. Esse ponto é particularmente relevante em contextos de alta visibilidade, como o das celebridades, onde a marginalização e o estigma associados ao vício frequentemente impedem o acesso a tratamentos adequados (Lloyd, 2013; Volkow et al., 2016).

Uma abordagem eficaz para essa questão exige intervenções interdisciplinares que integrem assistência médica, suporte psicológico e reabilitação social. A Psicologia Forense pode atuar como mediadora entre os sistemas de justiça e saúde, promovendo alternativas ao encarceramento, como programas de tratamento supervisionado e reabilitação. Pesquisas mostram que esses programas, especialmente aqueles que incluem terapia comportamental e assistência médica integrada, são significativamente mais eficazes na redução da reincidência e na promoção da recuperação a longo prazo (Degenhardt et al., 2013).

O caso de Carangi ressalta como as políticas punitivas que priorizam a criminalização em relação à reabilitação intensificam a marginalização de dependentes químicos nos sistemas de saúde e justiça (Room, 2005; Tiger, 2013). Também traz lições valiosas para combater o estigma em torno do vício, especialmente entre figuras públicas. Numa entrevista, questionada sobre a sua sobriedade, respondeu: *“Oh yes, I am definitely. I wouldn’t be here right now talking to you if I wasn’t”* (Carangi, 1982, 00:02:11). Essa resposta revela uma luta interna e busca por redenção, mesmo enfrentando adversidades relacionadas ao vício.

9. Conclusão

Ao debruçar sobre casos como o de Gia, as políticas públicas devem desestimular a romantização do uso de substâncias e promover uma consciencialização equilibradas sobre os riscos. Este exemplo é um lembrete poderoso das consequências de negligenciar as necessidades emocionais e sociais de indivíduos vulneráveis, assim como da importância de criar uma rede de suporte que valorize o bem-estar e a recuperação como pilares fundamentais.

A experiência de figuras públicas que enfrentaram o abuso de substâncias também oferece uma poderosa lição sobre a necessidade de desestigmatizar o vício. Mais do que um problema individual, ele é influenciado por fatores sociais, culturais e sistêmicos que devem ser abordados com empatia e pragmatismo (Lloyd, 2013). Estratégias eficazes incluem o fortalecimento de programas que combinem suporte psicológico, assistência médica e reabilitação social, além da promoção de campanhas que desincentivem a romantização do uso de drogas (Koob & Volkow, 2009; Degenhardt et al., 2013).

O legado de histórias como esta lembra-nos que o apoio, a recuperação e a inclusão social são pilares fundamentais no combate do vício. Em última análise, a sociedade deve priorizar a criação de estruturas de apoio acessíveis, que valorizem a dignidade humana e promovam a consciencialização sobre os desafios e possibilidades de superação associados a essa questão.

Mais do que tratar o vício como uma lacuna moral ou individual, é imperativo reconhecer a sua complexidade e as múltiplas vulnerabilidades que ele reflete. Não se trata apenas de salvar vidas, mas de dar espaço à recuperação diante do colapso. Esse é o verdadeiro impacto de uma

abordagem empática e científica: não apenas reduzir danos, mas abrir portas para um futuro onde ninguém seja deixado para trás.

Referências

- Brandt, A. M. (1986). AIDS: From social history to social policy. *Law Medicine and Health Care*, 14(5-6), 231-242. <https://doi.org/10.1111/j.1748720x.1986.tb00990.x>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Carangi, G. (1982) *The 20/20 Interview* [Video]. YouTube. <https://youtu.be/50LKh-7Ja1Q?si=-svatBrsU7-wzgb>
- Degenhardt, L., Whiteford, H. A., Ferrari, A. J., Baxter, A. J., Charlson, F. J., Hall, W. D., Freedman, G., Burs-stein, R., Johns, N., Engell, R. E., Flaxman, A., Murray, C. J., & Vos, T. (2013). Global burden of disease attributable to illicit drug use and dependence: findings from the Global Burden of Disease Study 2010. *The Lancet*, 382(9904), 1564-1574. [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(13\)61530-5](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(13)61530-5)
- Fee, E. & Krieger, N. (1993). Understanding AIDS: historical interpretations and the limits of biomedical individualism. *American Journal of Public Health*, 83(10), 1477-1486. <https://doi.org/10.2105/ajph.83.10.1477>
- Fried, S. (1993). *Thing of Beauty: The Tragedy of Supermodel Gia*. Atria Books.
- Garland, E. L., Gaylord, S. A., & Fredrickson, B. L. (2011). Positive reappraisal mediates the Stress-Reductive effects of mindfulness: an upward spiral process. *Mindfulness*, 2(1), 59-67. <https://doi.org/10.1007/s12671-011-0043-8>
- Giles, D. C. (2002). Parasocial Interaction: A review of the literature and a model for future research. *Media Psychology*, 4(3), 279-305. <https://doi.org/10.1207/s1532785xmep0403-04>
- Giles D., & Rockwell, D. (2009). Being a Celebrity: a phenomenology of fame. *Journal of Phenomenological Psychology*, 40(2), 178-210. <https://doi.org/10.1163/004726609x12482630041889>
- Goldman, D., Oroszi, G., & Ducci, F. (2005). The genetics of addictions: uncovering the genes. *Nature Reviews Genetics*, 6(7), 521-532. <https://doi.org/10.1038/nrg1635>
- Hunt, G. P., Evans, K., & Kares, F. (2007). Drug use and meanings of risk and pleasure. *Journal of Youth Studies*, 10(1), 73-96. <https://doi.org/10.1080/13676260600983668>
- Just, J. M., Bleckwenn, M., Schnakenberg, R., Skatulla, P., & Weckbecker, K. (2016). Drug-related celebrity deaths: A cross-sectional study. *Substance Abuse Treatment Prevention and Policy*, 11(1). <https://doi.org/10.1186/s13011-016-0084-z>
- Khantzian, E. J. (1997). The Self-Medication Hypothesis of Substance Use Disorders: A Reconsideration and Recent applications. *Harvard Review of Psychiatry*, 4(5), 231-244. <https://doi.org/10.3109/10673229709030550>
- Koob, G. F., & Volkow, N. D. (2009). Neurocircuitry of addiction. *Neuropsychopharmacology*, 35(1), 217-238. <https://doi.org/10.1038/npp.2009.110>
- Kosten, T., & George, T. (2002). The Neurobiology of Opioid dependence: Implications for treatment. *Science & Practice Perspectives*, 1(1), 13-20. <https://doi.org/10.1151/spp021113>

- Lloyd, C. (2013). The stigmatization of problem drug users: A narrative literature review. *Drugs Education Prevention and Policy*, 20(2), 85-95. <https://doi.org/10.3109/09687637.2012.743506>
- Mares. (2020). *Russian Wikipedia: Gia Carangi lived here*. Gia Carangi Lived Here. <https://giacarangilivedhere.org/russian-wikipedia/>
- Marshall, P. D. (1997). *Celebrity and power: Fame in Contemporary Culture*. University of Minnesota Press.
- Meyers, E. (2009). "Can you handle my truth?": Authenticity and the celebrity star image. *The Journal of Popular Culture*, 42(5), 890-907. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5931.2009.00713.x>
- Nestler, E. J. (2005). Is there a common molecular pathway for addiction? *Nature Neuroscience*, 8(11), 1445-1449. <https://doi.org/10.1038/nn1578>
- Room, R. (2005). Stigma, social inequality and alcohol and drug use. *Drug and Alcohol Review*, 24(2), 143-155. <https://doi.org/10.1080/09595230500102434>
- Smith, A., Buadze, A., Zullino, D., & Liebreinz, M. (2023). "Heroin Chic" in 2020s. *Swiss Archives of Neurology Psychiatry and Psychotherapy*. <https://doi.org/10.4414/sanp.2023.03370>
- Tiger, R. (2013). Celebrity gossip blogs and the interactive construction of addiction. *New Media & Society*, 17(3), 340-355. <https://doi.org/10.1177/1461444813504272>
- Volkow, N. D., Koob, G. F., & McLellan, A. T. (2016). Neurobiologic Advances from the Brain Disease Model of Addiction. *New England Journal of Medicine*, 374(4), 363-371. <https://doi.org/10.1056/nejmra1511480>
- Zurlinden, J. K., & Shilts, R. (1988). And the Band Played on: Politics, People, and the AIDS Epidemic. *AJN American Journal of Nursing*, 88(4), 551. <https://doi.org/10.2307/3426023>

UMA PROCURA DE SENTIDO PARA A CRISE: UMA PERSPETIVA HUMANISTA

A SEARCH FOR MEANING IN THE CRISIS: A HUMANIST PERSPECTIVE

Filipa Inácio¹, Odete Nunes¹, João Hipólito¹

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XIX • ISSUE FASCÍCULO 1
1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2025 • PP. 49-55

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XXI.1.4>

Submitted on 10/02/2025 Submetido a 10/02/2025

Accepted on 26/05/2025 Aceite a 26/05/2025

Resumo

Este artigo explora a temática da crise sob uma perspetiva humanista, com destaque para a Abordagem Centrada na Pessoa, proposta por Carl Rogers. A reflexão parte da compreensão das crises pessoais e coletivas e discute como a procura por sentido pode ser um caminho para superar estados de desordem emocional e social. O texto integra conceitos filosóficos e psicológicos, ampliando o entendimento sobre como a procura de sentido impacta a saúde mental e o equilíbrio social.

Palavras-chave: Crise, Humanismo, Abordagem Centrada na Pessoa, Sentido da Vida, Saúde Mental

Abstract

This article explores the theme of crisis from a humanistic perspective, with a focus on the Person-Centered Approach proposed by Carl Rogers. The reflection begins with an understanding of personal and collective crises and discusses how the search for meaning can be a path to overcoming states of emotional and social disorder. The text integrates philosophical and psychological concepts, broadening the understanding of how the search for meaning impacts mental health and social balance.

Keywords: Crisis, Humanism, Person-Centered Approach, Meaning of Life, Mental Health

¹ Universidade Autónoma de Lisboa

Introdução

A experiência da crise é um fenómeno recorrente e cíclico na história da humanidade e na vida individual. Sob a perspectiva existencialista, a crise pode ser vista como uma oportunidade de reflexão e de construção de sentido.

Viktor Frankl, psicólogo e grande teorizador das neuroses noogénicas, na sua obra *Em Busca de Sentido* (Frankl, 1946/2008), introduziu a logoterapia como uma abordagem terapêutica centrada na busca do “Significado”. A crise, neste contexto, não é apenas um momento de dificuldade, mas também um convite à introspeção e à análise do próprio sentido da existência. Frankl enfatizou que a busca de “Significado” é essencial para a experiência humana, mesmo em circunstâncias adversas, e que, ao enfrentar desafios, o indivíduo pode reavaliar a sua existência e encontrar propósitos mais profundos (Frankl, 1946/2008; Yalom, 1980).

Além disso, a crise pode ser analisada como uma possibilidade de crescimento, impulsionando o desenvolvimento pessoal e coletivo, na medida em que desafia crenças prévias e fomenta novas formas de enfrentamento e adaptação (May, 1999). Desta forma, compreender a crise enquanto processo de transformação permite à pessoa reconhecer o seu potencial de fortalecimento psicológico, favorecendo a resiliência individual e coletiva. Neste sentido, a reconstrução de “Significado” torna-se um elemento essencial na superação de adversidades, alinhando-se à perspectiva de autores que exploram a dimensão existencial e psicológica do sofrimento humano (Neimeyer, 2001). No presente artigo, é apresentada uma reflexão sobre a crise, segundo a perspectiva de alguns autores de vertente existencialista; seguidamente são expostos alguns elementos conceituais que constituem o modelo da terapia centrada no cliente (C. Rogers) evidenciando como, numa perspectiva de cariz humanista/existencialista, se pode ajudar a pessoa a encontrar o seu próprio sentido de vida.

A Crise como Fenómeno Existencial

As crises são inerentes à condição humana. Estas manifestam-se de formas variadas, desde crises pessoais, como as existenciais e de desenvolvimento, até crises sociais, ecológicas e políticas. Já a citação bíblica de Eclesiastes 1:9, “Nada há de novo debaixo do sol”, destaca a natureza cíclica das crises ao longo da História. A incapacidade de manter a homeostase perpetuamente leva, inevitavelmente, a períodos de instabilidade (Freud, 1920; Morin, 2005).

Viktor Frankl identificou as neuroses noogénicas como reflexos da perda de sentido na vida moderna, o que leva a estados de ansiedade e depressão (Frankl, 1946/2008). As neuroses noogénicas são perturbações psicológicas que surgem a partir de conflitos existenciais e da falta de sentido na vida, conceito amplamente desenvolvido por Viktor Frankl na Logoterapia. Diferentemente das neuroses tradicionais, que têm raízes predominantemente psicodinâmicas ou biológicas, as neuroses noogénicas derivam de crises existenciais de frustração no sentido da vida e do “vazio” existencial.

De acordo com a *American Psychological Association* (APA, 2020), a neurose refere-se a um termo histórico para descrever perturbações emocionais e psicológicas caracterizadas por ansiedade, depressão e sintomas obsessivo-compulsivos, sem comprometimento da perceção da realidade. No entanto, o conceito de neurose noogénica é específico da Logoterapia e está

relacionado com a falta de sentido e com conflitos existenciais. Esta perspetiva, destaca a importância da procura do “Significado”, como o caminho para superar a crise.

Zygmunt Bauman (2000), um dos mais influentes sociólogos contemporâneos, analisou a crise como um fenómeno existencial no contexto da modernidade líquida, conceito central na sua obra, que se traduz em considerar que a sociedade contemporânea se caracteriza pela fluidez, incerteza e instabilidade das relações humanas, do mercado de trabalho e das identidades pessoais. Nesse cenário, a crise existencial emerge como resultado da constante mutabilidade e da falta de referências sólidas, gerando sentimentos de insegurança, ansiedade e precariedade na construção do sentido da vida. É de sublinhar a diferença entre as sociedades tradicionais, cujas estruturas eram mais rígidas e previsíveis e a modernidade líquida que dissolve certezas e compromissos de longo prazo, tornando a identidade um projeto inacabado e instável.

Bauman argumenta que essa instabilidade leva os indivíduos a uma procura incessante por validação e segurança, muitas vezes através do consumo e das relações efémeras. No entanto, essa tentativa de preencher o vazio existencial com objetos e conexões superficiais apenas aprofunda a crise, pois impede o desenvolvimento de vínculos autênticos e de um sentido de pertença duradouro. A falta de solidez na vida moderna dificulta a construção de narrativas existenciais coerentes, deixando os indivíduos mais vulneráveis a crises identitárias e sentimentos de alienação. Para este autor, a pressão para a constante reinvenção pessoal e profissional, imposta pelo capitalismo tardio, cria uma sensação de instabilidade permanente, na qual o medo do fracasso se torna uma presença constante.

Bauman (2001) refere ainda que, a crise existencial na modernidade líquida não é um episódio isolado na vida dos indivíduos, mas uma condição estrutural da contemporaneidade. As relações humanas são cada vez mais “descartáveis”, os compromissos são evitados por medo da obsolescência e a noção de segurança existencial torna-se cada vez mais ilusória. Assim, a crise existencial assume um caráter coletivo, refletindo não apenas dilemas individuais, mas também as tensões sociais e culturais de um mundo em constante transformação. A superação dessa crise exige uma reflexão crítica sobre os valores predominantes e a busca por formas mais autênticas de conexão e construção de significado, resistindo à lógica da superficialidade e da liquidez que permeia a sociedade contemporânea (Mönckeberg, et all. , 2020)

Martin Heidegger (2012), um dos principais filósofos existencialistas do século XX, abordou a crise como um fenómeno existencial a partir da sua análise do Ser e da angústia. Para Heidegger (1927/2010), a crise existencial é inerente à condição humana e manifesta-se quando o indivíduo se confronta com a finitude da sua existência e a falta de um sentido pré-determinado. No seu conceito central de Dasein (ser-aí), ele descreve o ser humano como um ente que está constantemente projetado no mundo, sendo chamado a escolher e a construir o seu próprio sentido de existência. No entanto, essa liberdade vem acompanhada de uma profunda angústia, pois revela a falta de fundamentos indiscutíveis e expõe o indivíduo à responsabilidade pelas suas escolhas.

Na sua perspetiva a angústia (Angst) desempenha um papel crucial na compreensão da crise existencial. Diferente do medo, que tem um objeto específico, a angústia é um estado emocional mais profundo e difuso, que surge quando o indivíduo percebe a precariedade e a incerteza da sua existência. Essa experiência revela o nada (das Nichts) e evidencia o caráter transitório da vida humana, levando à consciência da própria mortalidade. Para Heidegger, essa confrontação com a finitude pode levar à alienação e à busca por refúgio em estruturas impessoais e convencionais,

como as normas sociais e a mentalidade coletiva do *Das Man* (o “se” impessoal). Assim, ao viver segundo as expectativas externas, o indivíduo evita a crise, mas também se distancia da sua autenticidade.

Contudo, Heidegger argumenta que a angústia não deve ser vista apenas como um sofrimento paralisante, mas como uma possibilidade transformadora. A crise existencial, ao desestabilizar certezas e expor a vulnerabilidade do ser humano, pode abrir caminho para uma existência autêntica (*Eigentlichkeit*), na qual o indivíduo assume a sua própria liberdade e responsabilidade de ser. Assim, a superação da crise não se dá pela fuga ou pela adesão irrefletida às convenções, mas pela aceitação consciente da própria finitude e pela busca de um modo de vida que esteja em sintonia com a verdade do seu próprio ser.

Irvin D. Yalom, psiquiatra e psicoterapeuta existencial, abordou a crise como um fenómeno existencial relacionado com os quatro desafios fundamentais da existência: a morte, a liberdade, o isolamento e a falta de sentido. Para Yalom (1980), a crise existencial ocorre quando o indivíduo se confronta com essas realidades inevitáveis da vida, gerando angústia e sofrimento psicológico. Diferente das abordagens tradicionais da psicopatologia, que enfatizam causas intrapsíquicas ou comportamentais, Yalom argumenta que muitas perturbações emocionais derivam da incapacidade de lidar com essas questões fundamentais da existência.

A morte, por exemplo, é um dos principais catalisadores da crise existencial. Embora muitas pessoas evitem pensar sobre a sua própria finitude, momentos de perda ou eventos traumáticos podem tornar essa realidade inegável, levando a sentimentos de medo e desamparo (Maldonado, 2021). Da mesma forma, a liberdade, entendida como a ausência de um destino pré-determinado, pode ser fonte de angústia, pois obriga o indivíduo a assumir total responsabilidade pela sua vida e escolhas. Esse confronto com a própria autonomia pode gerar paralisia decisória ou fuga para estruturas externas que ofereçam um falso sentido de segurança.

Outro elemento essencial na teoria de Yalom é o isolamento existencial, que diz respeito à impossibilidade de um vínculo absoluto com os outros. Embora as relações interpessoais possam oferecer conforto e conexão, nenhum ser humano pode experimentar completamente a realidade subjetiva do outro, gerando um sentimento inevitável de solidão. Por fim, a crise existencial pode ser intensificada pela falta de sentido, especialmente em momentos de transição ou perda. Yalom, I., D., Yalom, M. (2021) Quando os sistemas tradicionais de significado – como a religião, a cultura ou os papéis sociais – falham em proporcionar um propósito satisfatório, o indivíduo pode entrar numa espiral de niilismo e desesperança.

Segundo o autor, a superação da crise existencial não envolve a eliminação dessas angústias fundamentais, mas sim a sua aceitação consciente. O crescimento pessoal ocorre quando o indivíduo enfrenta corajosamente essas realidades e cria um sentido próprio para a sua existência. Deste modo, a crise não é vista apenas como um momento de sofrimento, mas também como uma oportunidade para a transformação e o amadurecimento psicológico.

Também Ernesto Spinelli, psicoterapeuta existencial contemporâneo, aborda o conceito de crise, encarando-o como uma oportunidade crítica para a mudança existencial e a transformação pessoal, na qual a ruptura da visão do mundo (*worldview*) abre a possibilidade de uma compreensão mais profunda de si próprio e de uma vida autêntica (2014).

Num outro contexto, C. Rogers, um dos principais teóricos da psicologia humanista, abordou a crise como um fenómeno existencial no âmbito do desenvolvimento da personalidade e da autorrealização. Segundo Rogers (1951), a crise surge quando há uma incongruência significativa

entre a experiência real e a autoperceção do indivíduo, resultando em angústia psicológica. Esse estado de desconforto pode levar a uma crise existencial, na qual a pessoa questiona o seu sentido de vida, os seus valores e o seu papel no mundo. Assim, essa incongruência ocorre quando há um desfasamento entre o “eu percebido”, que representa as experiências vivenciadas pela pessoa, e o “eu desejado”, que corresponde à imagem que a pessoa desejaria corresponder. Esse conflito interno pode gerar sofrimento emocional, levando a sentimentos de baixa autoestima, de desorientação e de incerteza quanto ao próprio significado da existência.

Apesar da angústia inerente à crise existencial, Rogers (1961) defendia que os indivíduos possuem uma capacidade inata de crescimento e autorrealização, conceptualização que denominou de *Tendência Atualizante*. Assim, a crise pode tornar-se um catalisador para o desenvolvimento pessoal, desde que a pessoa tenha acesso a um conjunto de condições que favoreçam a exploração das suas dificuldades e promovam a sua reconstrução psicológica. No contexto psicoterapêutico, Rogers enfatizou que a superação da crise existencial ocorre num ambiente em que se experimenta a aceitação incondicional, a compreensão empática e a autenticidade. A terapia centrada na pessoa, modelo desenvolvida por ele, oferece um espaço seguro para que o indivíduo se possa expressar livremente, reconhecer e integrar os seus conflitos internos, promovendo um sentido renovado de identidade e de propósito. Desta forma, a crise, em vez de ser vista apenas como um momento de sofrimento, pode ser compreendida como uma oportunidade de crescimento e transformação pessoal.

A intervenção na Crise segundo a Psicoterapia Centrada no Cliente

Carl Rogers desenvolveu conceitos fundamentais para a compreensão do desenvolvimento humano, destacando-se a *Tendência Atualizante* e a *Tendência Formativa*. A *Tendência Atualizante* refere-se ao movimento inato de todos os organismos para desenvolverem as suas capacidades de forma a manter ou aprimorar a sua existência (Rogers, 1951). Trata-se de um impulso natural para a autorrealização e o crescimento da pessoa, que só se manifesta plenamente em ambientes de aceitação e de compreensão empática.

A *Tendência Formativa*, por sua vez, é um conceito mais amplo, proposto posteriormente por Rogers, que descreve a propensão do universo a evoluir em direção a formas cada vez mais complexas num movimento de auto-organização (Rogers, 1980). Esse princípio implica que a vida, nos seus diversos níveis, procura continuamente a atualização e a complexificação (Morin, 2005).

Pode-se equacionar que a busca por “Sentido” perante a crise, esteja intrinsecamente ligada a estes conceitos de Rogers, na medida em que a *Tendência Atualizante* impulsiona o indivíduo a crescer, a se adaptar e a procurar o “Sentido”, funcionando como um mecanismo essencial para restaurar o equilíbrio diante das adversidades. A crise representa, pois, uma rutura na homeostase pessoal, e a construção de significado, mediada por ambientes empáticos e autênticos, é o caminho para a superação.

O autor supracitado, ainda abordou os traumas como uma forma de crise existencial resultante da incongruência entre a experiência vivenciada e a autoimagem do indivíduo. Para Rogers (1951), o trauma não é apenas um evento externo com impacto psicológico, mas uma experiência subjetiva que pode gerar uma profunda desorganização emocional quando desafia

a estrutura interna do *self*. Essa incongruência ocorre quando as experiências traumáticas distorcem a percepção que a pessoa tem de si mesma e do mundo, levando a sentimentos de angústia, desorientação e vulnerabilidade.

A crise traumática, segundo Rogers, pode resultar num bloqueio do processo de autorrealização, que é uma tendência inata do ser humano para o crescimento e o desenvolvimento. O trauma pode distorcer a autoimagem da pessoa, levando-a a adotar mecanismos defensivos como a negação e a repressão, de modo a evitar a dor emocional associada à experiência traumática (Hipólito, 2011). No entanto, esse evitamento impede a integração plena da experiência e pode resultar em sofrimento psicológico prolongado. Além disso, o trauma pode afetar a capacidade do indivíduo de estabelecer relações autênticas e significativas, pois a confiança em si mesmo e nos outros pode ser profundamente abalada.

A psicoterapia centrada na pessoa cria esse espaço seguro, permitindo-lhe que processe e reorganize as suas experiências de maneira que possam ser integradas no seu *self* de forma mais coerente e adaptativa. Para Rogers (1961), a superação da crise traumática ocorre quando o indivíduo tem a oportunidade de explorar as suas experiências dolorosas num ambiente de cuidado incondicional, compreensão empática e autenticidade. Mais concretamente, através da relação terapêutica, a pessoa pode reconstruir a sua narrativa pessoal, recuperar a sua atividade e retomar o seu processo de crescimento. Desta forma, o trauma, embora doloroso, pode ser transformado numa experiência de aprendizagem e fortalecimento pessoal, desde que seja abordado com suporte emocional e compreensão genuína.

Conclusão

Neste artigo, vários autores são unânimes em constatar que ao longo da nossa existência somos assaltados por vivências de crises, nomeadamente de nível pessoal, desde as crises de crescimento às crises existenciais, de nível social, ecológico e até planetárias. Se por um lado, quando falamos de crise, sobressai o impacto negativo que esta provoca, por outro, pode também representar um fator desencadeador de mudança e de superação.

Um dos aspetos a realçar e que é estruturante para cada pessoa, é a procura de um Sentido para vida. Esta procura pode ser feita de forma solitário ou com a ajuda exterior (ex. profissional de ajuda psicológica, guia espiritual/filosófico), a qual do ponto de vista psicoterapêutico se pode situar numa perspetiva essencialista ou existencialista. Este último (preconizado por C. Rogers) vai ajudando a pessoa a encontrar o seu próprio sentido, isto é, com o cliente o terapeuta constrói o dicionário e o universo de significados que darão sentido à sua vida e que lhe permitirá não só ultrapassar a crise, mas também construir estratégias de manutenção da sua homeostase ou da restauração da mesma em novas situações de crise.

Referências

- Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity*. Polity Press.
- Bauman, Z. (2001). *The individualized society*. Polity Press.
- Bauman, Z. (2008). *Vida Líquida*. Zahar.
- Frankl, V. E. (1946/2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Vozes.
- Freud, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Imago.
- Heidegger, M. (2010). *Sein und Zeit* (J. Stambaugh, Trans.). State University of New York Press. (Original work published 1927).
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo* (14. ed.). Vozes.
- Hipolito J. (2011). *Auto-organização e Complexidade: Evolução e Desenvolvimento do Pensamento Rogeriano*. EDIUAL.
- Maldonado, C. E. (2021). Death and Complexity. *Revista Latinoamericana de Bioética*, 21 (1)
- May, R. (1999). *O homem à procura de si mesmo*. Editora Paulus.
- Mönckeberg, M. & Atarama Rojas, T. (2020). Comunicación líquida en el pensamiento de Zygmunt Bauman: el espacio y el tiempo para la construcción de sentido *ComHumanitas: Revista Científica De Comunicación*, 11(1), 131-148. <https://doi.org/10.31207/rch.v11i1.233>
- Morin, E. (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. Sulina.
- Neimeyer, R. A. (2001). *Meaning reconstruction & the experience of loss*. American Psychological Association.
- Rogers, C. R. (1951). *Client-centered therapy: Its current practice, implications, and theory*. Houghton Mifflin.
- Rogers, C. R. (1961). *On becoming a person: A therapist's view of psychotherapy*. Houghton Mifflin.
- Rogers, C. R. (1980). *A way of being*. Houghton Mifflin.
- Spinelli, E. (2014). *Practising Existential Psychotherapy: The Relational World* (2ª Ed.). SAGE.
- Yalom, I. D. (1980). *Existential psychotherapy*. Basic Books.
- Yalom, I., D., & Yalom, M. (2021). *A Matter of Death and Life*. LITTLE, BROWN BOOK GROUP.

AUTHOR INSTRUCTIONS

Elaboration and submission of articles

The preparation and submission of papers for the *Psique* journal abides to international scientific standards, contingent upon the fulfillment of several requirements listed below:

1. Papers submitted for publication must be original. The authors sign a declaration (Appendix 1) where they warrant that:

A) are in fact the authors and are fully responsible for the content of their paper;

B) that their work abides to the international ethical and methodological standards within the field of Psychology proposed by the American Psychological Association – APA) and by the European Science Foundation (European Code of Conduct for Integrity of Research);

C) and that, they have not simultaneously submitted the paper for publication elsewhere.

D) The journal will use all means to guarantee the above criteria, namely, to request proof of documents and through the use of plagiarism software (Urkund). Authors will be informed in case of indicators of plagiarism, and can comment on these indicators before the rejection of the manuscript.

2. Copyright of the publication is vested in *Psique*, while the copyright of texts rests with the individual author(s); in case of later republication elsewhere, reference to the *Psique* publication should be indicated. The journal does not carry out any embargo on the articles. The author(s) may disclose the article in auto archive systems or in institutional repositories.

3. Submitted papers may be sent as an attached file to the Editorial Coordination of the journal *Psique*: Odete Nunes (onunes@autonoma.pt; psique@autonoma.pt).

4. The first page of the paper must contain the author(s)' identification, institution, city and country, as well as a contact e-mail address of all the authors of the paper.

5. Texts may be presented in Portuguese, Castilian, French or English.

6. Proposed papers will be subjected to blind peer review carried out by at least two specialists (PhD in Psychology) from the journal's Editorial Council, the majority of whom are external referees to Universidade Autónoma de Lisboa.

7. These are the steps involved in the process of manuscript submission and acceptance:

Manuscripts are received by the journal's editor and sent to reviewers, specialists in Psychology. Our is a double-blind peer-review system: both reviewers' and author's anonymity is preserved;

Reviewers will assess manuscripts and express their opinion on their quality and pertinence for the journal's aim and scope and may should suggest specific improvements. In case both reviewers disagree on their assessment, the editor may assess the manuscript and decide about its publication or request the opinion of a third reviewer;

Authors will be informed of the editorial decision, which may be:

a) Accepted (the manuscript is accepted for publication as it is);

b) Conditionally accepted (requires minor revisions), in this case the paper may be accepted by

the editor once the author introduces minor revisions;

c) Invited to re-submit after major revisions (the theme is of interest, yet the manuscript needs major revisions). In this case, authors are advised to rewrite the manuscript in accordance to reviewers' suggestions and re-submit it. Re-submitted manuscripts are sent to reviewers for re-assessment;

d) Rejected (when the manuscript does not meet the criteria for publication).

8. The common indicator for sending the original files is “.doc”.

9. There is a 30 pages limit to the size of papers, excluding the reference list, tables and illustrations.

10. The images, (diagrams, maps, tables and graphs) should be indicated and identified in accordance with the last edition of the Publication Manual of American Psychological Association (APA).

11. The structure of the paper should follow the guidelines set forth in the last edition of the Publication Manual of APA. The title, the summary, and the keywords, should be presented in the original language of the paper and in English. The summary should not exceed 200 words and the keywords should not be more than five.

12. Text quotations and bibliography references shall be in accordance with the guidelines of the last edition of the Publication Manual of APA, for example:

A. Scientific Journal Papers: Herbst-Damm, K. L., & Kulik, J. A. (2005). Volunteer support, marital status, and the survival times of terminally ill patients. *Health Psychology, 24*, 225-229. <https://doi.org/10.1037/0278-6133.24.2.225>

B. Books: Mitchell, T. R., & Larson, J. R., Jr. (1987). *People in organizations: An introduction to organizational behavior* (3rd ed.). McGraw-Hill.

C. Book Chapters: Bjork, R. A. (1989). Retrieval inhibition as an adaptive mechanism in human memory. In H. L. Roediger III & F. I. M. Craik (Eds.), *Varieties of memory & consciousness* (pp. 309–330). Erlbaum.

13. Whenever necessary, and without any interference to its inclusion in the “.doc” document, the original files of tables and figures may be sent separately, in JPEG, TIFF or XLS format.

14. Footnotes should be in accordance with the guidelines of the last edition of the Publication Manual of APA.

15. *Psique* publishes five types of papers:

A) Empirical papers that present reports of original research.

B) Literature reviews papers that develop research synthesis, meta-analyses, and critical evaluations of material that has already been published.

C) Theoretical papers in which the author develops advances in theory based on previous published literature.

D) Methodological papers that present new methodological approaches, modifications of existing methods or discussions of quantitative and qualitative data analytic approaches to scientific research.

E) Case studies, reports of case material obtained while working with an individual, a group, a community or an organization.

16. The journal *Psique* has a limit of one paper by the same author in each issue.

17. The editorial board of *Psique*, responsible for the evaluation of the manuscripts to be published, is constituted by, at least, 75% members from academic institutions outside the hosting institution of *Psique*.

18. The publication of *Psique* is semi-annual, from the year of 2018, with publication date from January 1st to June 30th and from July 1st to December 31st.

19. *Psyche* subscribes to the codes of ethics and good editorial practices, namely:

The Code of Conduct and Best-Practice Guidelines for Journal Editors, from the Committee on Publication Ethics: Committee on Publication Ethics (2011). Code of Conduct and Best-Practice Guidelines for Journal Editors. Retrieved from http://publicationethics.org/files/Code_of_conduct_for_journal_editors_Mar11.pdf

The White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal Publications, Council of Science Editors – Scott-Lichter, D. & Editorial Policy Committee, Council of Science Editors (2012). CSE's White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal Publications. Retrieved from https://www.councilscienceeditors.org/wp-content/uploads/entire_whitepaper.pdf

In case of publication they permit the use of their work under a CC-BY license [<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/>], which allows others to copy, distribute and transmit the work as well as to adapt the work and to make commercial use of it.

For more details on the ethical obligations of authors, reviewers and editorial coordination, consult the Publication Ethics and Best- Practice Guidelines tab.

21. The editorial process is totally free of costs for the authors. *Psyche* is a non-profit scientific publication.

APPENDIX 1

Lisbon, xx xx 20xx

Dear authors

The editorial coordination of Psique asks the authors of the manuscript titled “xxx”, to be published in volume xxx, to sign below in agreement to granting Psique the Copyright for the publication of the paper in printed and online forms. The granting of the copyright to Psique is only legitimate if all authors sign this

agreement.

By signing this document, the authors guarantee that the article submitted for publication is original, exclusively of their authorship and that it respected the international ethical and methodological standards in the scientific field of Psychology, namely the ones proposed by the American Psychological Association (APA) and the European Science Foundation (European Code of Conduct for Integrity of Research). Authors are fully responsible for what is written in the articles and ensure that they do not submit the work simultaneously to another journal for publication.

Psyche holds the copyright of the entire publication. However, each author has the copyright of his own text. If authors decide to later republish it elsewhere, they are asked to refer to the publication in Psique. The journal publishes in open access, does not carry out any embargo on the articles and authors can share the article in auto file systems or in institutional repositories.

Below are the full names of the authors for signature:

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Odete Nunes
Editor in Chief of Psique

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

Elaboração e submissão de artigos

A elaboração e submissão de artigos para a revista *Psique* subordina-se aos padrões científicos internacionais, de acordo com as seguintes condições:

1. Os artigos submetidos para publicação têm de ser originais e inéditos. Os autores assinam uma declaração (Anexo 1) onde garantem:

A) Que realizaram o trabalho que apresentam e que são integralmente responsáveis pelo que está escrito nos artigos;

B) Que respeitaram os padrões éticos e metodológicos internacionais vigentes na área científica da Psicologia, propostos pela *American Psychological Association (APA)* e pela *European Science Foundation (European Code of Conduct for Integrity of Research)*;

C) E que não submeteram o trabalho simultaneamente a outra revista para publicação;

D) A revista usará de todos os meios para garantir os anteriores critérios, designadamente, podendo pedir prova de documentos e através do uso de um software de plágio (Urkund). Os autores serão informados no caso de existirem indicadores de plágio, podendo pronunciar-se sobre esses indicadores antes da rejeição do artigo.

2. A *Psique* detém os direitos de autor sobre a publicação, no entanto, cada autor tem o copyright do seu próprio texto; no caso de o republicar mais tarde noutra local, pede-se a referência à publicação na *Psique*. A revista não procede a qualquer embargo dos artigos. O(s) autor(s) pode divulgar o artigo em sistemas de auto arquivo ou em repositórios institucionais.

3. Os artigos enviados para submissão devem ser remetidos em suporte eletrónico à Coordenação Editorial: Odete Nunes (onunes@autonoma.pt; psique@autonoma.pt).

4. Na primeira página do artigo deve constar a nome completo do(s) autor(es), sem siglas, a respetiva filiação, local e país, bem como o(s) e-mail(s) de contacto de todos os autores do artigo.

5. Os textos podem ser apresentados em português, castelhano, francês e inglês.

6. Os artigos propostos são submetidos a um processo de arbitragem científica, de revisão cega por pares (*blind peer review*) feita por, pelo menos, dois especialistas (Doutorados em Psicologia) que fazem parte do Conselho Editorial da revista, e cuja maioria é externa à Universidade Autónoma de Lisboa.

7. O processo de submissão e avaliação dos manuscritos submetidos seguirá os seguintes passos:

Os artigos são recebidos pelo Editor da revista e enviados para dois revisores. Os artigos serão enviados sem o nome dos autores para os revisores. Todo o processo de avaliação dos artigos é feito sob o anonimato dos autores para garantir uma “revisão cega por pares”. No processo de avaliação, os revisores também serão mantidos anónimos para os autores;

Os revisores avaliarão os artigos e expressarão a sua opinião sobre a qualidade do artigo, sobre a pertinência da sua publicação na revista e poderão indicar sugestões de melhoria tão específicas quanto possível para a reformulação do artigo. No caso das opiniões dos revisores serem discordantes, o Editor poderá decidir sobre a publicação, após a sua própria análise ao artigo, ou pode pedir um outro parecer a um terceiro revisor;

Os autores serão informados da decisão editorial, num período médio de três meses, que pode consistir em:

- A) Aceite (o manuscrito foi aceite para publicação na sua forma atual);
- B) Aceite condicionalmente, mediante pequenas reformulações, neste caso, após as alterações introduzidas, o artigo reformulado pode ser aceite pelo editor;
- C) Convidado a re-submeter após reformulações substanciais (o tema interessa à revista, porém, o artigo necessita de uma reformulação profunda). Nestes casos, os autores são convidados a reformular o artigo de acordo com as sugestões dos revisores e a re-submeter à revista. Após a reformulação dos artigos, estes serão enviados novamente aos revisores para uma segunda avaliação;
- D) Rejeitado (quando foi considerado que o manuscrito não cumpriu os critérios para publicação na revista).

8. A linguagem de base para o envio dos ficheiros originais é “.doc”.

9. A dimensão dos artigos tem um limite de 30 páginas, excluindo a lista de referências bibliográficas, tabelas e figuras.

10. As imagens (esquemas, mapas, tabelas e gráficos) deverão ser referidos e identificados em obediência à última edição do *Publication Manual of the American Psychological Association* (APA).

11. A estrutura dos artigos deve obedecer às regras da última edição do Manual de Publicações da APA. O título e o resumo devem ser escritos na língua original do artigo e em inglês, bem como as palavras-chave do artigo. O resumo tem uma dimensão limite até 200 palavras e seguem-se-lhe as palavras-chave, no máximo de cinco.

12. As citações e referências bibliográficas são feitas de acordo com as normas da última edição do Manual de Publicações da APA, por exemplo:

- A) Artigos de Revista Científica: Herbst-Damm, K. L., & Kulik, J. A. (2005). Volunteer support, marital status, and the survival times of terminally ill patients. *Health Psychology, 24*, 225-229. <https://doi.org/10.1037/0278-6133.24.2.225>
- B) Livros de Autor: Mitchell, T. R., & Larson, J. R., Jr. (1987). *People in organizations: An introduction to organizational behavior* (3rd ed.). McGraw-Hill;
- C) Capítulos de Livros: Bjork, R. A. (1989). Retrieval inhibition as an adaptive mechanism in human memory. In H. L. Roediger III & F. I. M. Craik (Eds.), *Varieties of memory & consciousness* (pp. 309-330). Erlbaum.

13. Sempre que se justifique, sem prejuízo da sua inclusão no documento em “.doc”, os ficheiros originais dos quadros e figuras podem ser enviados em separado, em formato JPEG, TIFF ou XLS.

14. As notas de rodapé são feitas de acordo com as normas da última edição do Manual de Publicações da APA.

15. A Psique publica cinco tipos de artigos:

- A) Artigos empíricos que apresentam relatórios de investigações científicas originais.
- B) Artigos de revisão de literatura que desenvolvem análises críticas de material anteriormente publicado.
- C) Artigos teóricos em que o autor desenvolve avanços sobre teorias inovadoras ou anteriormente publicadas.
- D) Artigos metodológicos que apresentam novas abordagens metodológicas, modificação de métodos existentes ou discussões sobre as abordagens quantitativas ou qualitativas na investigação científica.

E) Estudos de caso que reportam material de casos obtidos ao longo do trabalho com indivíduos, grupos, uma comunidade ou uma organização.

16. A revista *Psique* tem um limite máximo de publicação de um artigo de um mesmo autor em cada volume.

17. O conselho editorial da *Psique*, responsável pela avaliação dos artigos publicados, é constituído em, pelo menos, 75% por membros de instituições académicas externas à instituição de acolhimento da *Psique*.

18. A publicação é semestral, com data de publicação de 1 de janeiro a 31 de junho e de 1 de julho a 31 de dezembro.

19. A *Psique* subescreve os códigos de ética e boas práticas editoriais, designadamente:

O Code of Conduct and Best-Practice Guidelines for Journal Editors, do Committee on Publication Ethics – Committee on Publication Ethics (2011). Code of Conduct and Best-Practice Guidelines for Journal Editors. Retrieved from http://publicationethics.org/files/Code_of_conduct_for_journal_editors_Mar11.pdf

O White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal Publications, da Council of Science Editors – Scott-Lichter, D. & Editorial Policy Committee, Council of Science Editors (2012). CSE's White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal Publications. Retrieved from https://www.councilscienceeditors.org/wp-content/uploads/entire_whitepaper.pdf

Para mais detalhes sobre obrigações éticas dos autores, revisores e coordenação editorial, consultar o separador *Ética Editorial e Boas Práticas*.

20. Em nenhuma etapa do processo editorial se estabelecem custos para os autores. A *Psique* é uma publicação científica sem fins lucrativos.

21. Em caso de publicação, os autores permitem o uso do seu trabalho através da utilização da licença creative commons, CC-BY [<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>], que permite a cópia, distribuição e transmissão do conteúdo, assim como a sua adaptação para uso comercial.

APÊNDICE 1

Lisboa, x de x de 20xx

A Revista Psique solicita que os autores do manuscrito intitulado “xxx”, a ser publicado no volume xxx, concedam os direitos autorais do manuscrito para publicação na forma impressa e eletrónica. Informamos que a concessão dos direitos autorais só será legítima, se todos os autores assinarem a presente carta.

Ao assinar o presente documento os autores garantem que o artigo submetido para publicação é original, é exclusivamente da sua autoria e que respeitou os padrões éticos e metodológicos internacionais vigentes na área científica da Psicologia, propostos pela American Psychological Association (APA) e pela European Science Foundation (European Code of Conduct for Integrity of Research). Os autores são integralmente responsáveis pelo que está escrito nos artigos e garantem que não submeteram o trabalho simultaneamente a outra revista para publicação.

A Psique detém os direitos de autor sobre o conjunto da publicação, no entanto, cada autor tem os direitos de autor do copyright do seu próprio texto. No caso de o republicar mais tarde, noutra local, pede-se a referência à publicação na Psique. A revista publica em acesso aberto, não procede a qualquer embargo dos artigos e os autores podem divulgar o artigo em sistemas de auto arquivo ou em repositórios institucionais.

Seguem abaixo os nomes completos dos autores por extenso para assinatura:

Xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Odete Nunes
Editor Diretor Psique

REVIEWERS INSTRUCTIONS

Article Review

The articles submitted to be published in *Psique* will be evaluated by two experts in the scientific domain of the paper, Ph.D in Psychology.

These are the steps involved in the process of manuscript submission and acceptance/rejection:

1. Manuscripts are received by the journal's editor in chief and after a preliminary analysis will be sent to two reviewers, in a double-blind peer-review system. Both reviewers' and author's anonymity is preserved;
2. Reviewers will assess the manuscripts and express their opinion on the quality and pertinence for the journal's aims and scope and should suggest specific reformulations to improve the quality of the manuscript.
3. In case both reviewers disagree on their assessment, the editor in chief may assess the manuscript and decide about its publication or request the opinion of a third reviewer.

Each reviewer should carefully read the manuscript and issue a justified and reasoned report on the appropriateness of manuscript for publication in *Psique*. The dimensions to consider in the evaluation process are the following:

1. Relevance and up to date of the theme of the manuscript for the scientific field of Psychology;
2. Coverage, adequacy and up to date of the analyzed scientific literature;
3. Appropriateness of the methodological procedures in relation to the objectives of the study;
4. Clarity of writing and correction of the article structure, according to the APA structure criteria;
5. Validity of the results obtained in relation to the objectives and the methodological procedures developed;
6. Scope, articulation and in depth of the discussion of the results obtained;
7. Formal correction of bibliographical references, formulas and tables; according to the APA formal criteria.

For guidelines on the ethical criteria in the editorial process please read the Publication Ethics and Best-Practice Guidelines.

Authors will be informed of the editorial decision, usually during the period of three months, which may be:

- a) Accepted (the manuscript is accepted for publication as it is);
- b) Conditionally accepted (requires minor reformulations), in this case the paper may be accepted by the editor once the author introduces the minor reformulations;
- c) Invited to re-submit after major revisions (the theme is of interest, yet the manuscript needs major revisions). In this case, authors are advised to rewrite the manuscript in accordance to reviewers' suggestions and re-submit it. Re-submitted manuscripts are sent to reviewers for re-assessment;
- d) Rejected (when the manuscript does not meet the criteria for publication).

On the link below you will find the evaluation format for the evaluation of manuscripts submitted to *Psique* [Manuscript Evaluation Sheet](#).

INSTRUÇÕES AOS REVISORES

Revisão de artigos

Os artigos submetidos para serem publicados em *Psique* serão avaliados por dois especialistas no domínio científico do estudo, doutorados em Psicologia.

As etapas envolvidas no processo de submissão e aceitação / rejeição dos manuscritos são as seguintes:

1. Os manuscritos são recebidos pelo editor da revista e, após uma análise preliminar, serão enviados para o parecer de dois revisores, sob um sistema de revisão de pares anônimo duplo. É preservado o anonimato tanto dos autores, como dos revisores.
2. Os revisores avaliarão os manuscritos e emitirão o seu parecer sobre a qualidade e pertinência dos manuscritos, face aos objetivos e âmbito da revista e devem sugerir reformulações específicas para melhorar a qualidade dos manuscritos.
3. Caso os dois revisores não estejam de acordo sobre a avaliação de um manuscrito, o editor pode avaliar o manuscrito e decidir sobre sua publicação ou solicitar a opinião de um terceiro revisor.

Cada revisor deve ler cuidadosamente o manuscrito e emitir um relatório justificado e fundamentado sobre a adequação do manuscrito para publicação na *Psique*. As dimensões a considerar no processo de avaliação são as seguintes:

1. Pertinência e atualidade do tema para o campo científico da Psicologia;
2. Cobertura, adequação e atualidade da literatura científica analisada;
3. Adequação dos procedimentos metodológicos face aos objetivos do estudo;
4. Clareza da escrita e correção da estrutura do artigo, de acordo com os critérios APA;
5. Validade dos resultados obtidos face aos objetivos e aos procedimentos metodológicos desenvolvidos;
6. Abrangência, articulação e profundidade na discussão dos resultados obtidos;
7. Correção formal das referências bibliográficas, fórmulas e tabelas, de acordo com os critérios formais APA.

Para instruções sobre os critérios éticos no processo editorial, por favor, leia o separador *Ética Editorial e Boas Práticas de Publicação*.

Os autores serão informados da decisão editorial, geralmente durante o período de três meses, que pode ser:

- a) Aceite (o manuscrito foi aceite para publicação na sua forma atual);
- b) Aceite condicionalmente, mediante pequenas reformulações. Neste caso, após as alterações introduzidas, o artigo reformulado pode ser aceite pelo editor;
- c) Convidado a re-submeter após reformulações substanciais (o tema interessa à revista, porém, o artigo necessita de uma reformulação profunda). Nestes casos, os autores são convidados a reformular o artigo de acordo com as sugestões dos revisores e a re-submeter à revista. Após a reformulação dos artigos, estes serão enviados novamente aos revisores para uma segunda avaliação;
- d) Rejeitado (quando foi considerado que o manuscrito não cumpriu os critérios para publicação na revista).

Em seguida para download, encontra a ficha de avaliação de manuscritos para publicação na *Psique*
Ficha de Avaliação de Manuscritos

